

Estelita Pereira Lima, Suziy de Matos Bandeira,
Maria Iracema Mariano de Amorim (Orgs.)

Heróis ou vítimas?



A história do controle
das endemias no Ceará,
contada por
agentes sanitaristas

Heróis ou vítimas?

A história do controle
das endemias no Ceará,
contada por
agentes sanitaristas

Copyright©
Estelita Pereira Lima,
Suziy de Matos Bandeira,
Maria Iracema Mariano de Amorim

Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação - UFCA
Av. Tenente Raimundo Rocha, s/nº
CEP 63040-360
Juazeiro do Norte - CE
Tel.: (88) 3572.7200
www.prpi.ufca.edu.br
prpi@ufca.edu.br

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por
qualquer meio e para qualquer fim, sem a autorização
prévia, por escrito, do autor.
Obra protegida pela Lei nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998

Organizadoras:
Estelita Pereira Lima
Suziy de Matos Bandeira
Maria Iracema Mariano de Amorim

Heróis ou vítimas?

A história do controle
das endemias no Ceará,
contada por
agentes sanitaristas

Juazeiro do Norte
2015

Heróis ou vítimas? A história do controle das endemias no Ceará,
contada por agentes sanitaristas
Juazeiro do Norte, 2015

Edição: Denysson Axel Ribeiro Mota

Capa: Denysson Axel Ribeiro Mota

Foto da Capa: Disponível em <http://pixabay.com/pt/pássaros-animais-água-reflexão-690545/> com licença Creative Commons Ø

Revisão: Sandra Bezerra Rodriguez, Jonathas Luiz Carvalho Silva

Ilustrações: Chico Paulo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Cariri

-
- L732h Lima, Estelita Pereira. (Org.)
Heróis ou vítimas? [recurso eletrônico]: a história do controle das endemias no Ceará, contada por agentes sanitaristas / Estelita Pereira Lima; Suziy de Matos Bandeira; Maria Iracema Mariano de Amorim. – Juazeiro do Norte: Universidade Federal do Cariri, 2015.
E-pub.
- Inclui bibliografia.
- ISBN: 978-85-67915-03-6
1. Endemias - Ceará. 2. Agentes sanitaristas. 3. Saúde. I. Título. II. Bandeira, Suziy de Matos. III. Amorim, Maria Iracema Mariano de.

CDD 614.098131

LIMA, Estelita Pereira Lima; BANDEIRA, Suziy de Matos; AMORIM, Maria Iracema Mariano de (Orgs.). **Heróis ou vítimas? A história do controle das endemias no Ceará, contada por agentes sanitaristas.** Juazeiro do Norte: Universidade Federal do Cariri, 2015.

Em memória daqueles que perderam suas vidas
em combate, representados por

Erisberto
Francisco Tavares
Rangel
Marcílio Peixoto

Sumário

Apresentação	10
Prefácio	12
Capítulo I	15
Introdução	16
Aspectos metodológicos	19
Capítulo II.....	25
Da organização do trabalho no controle de endemias ao assédio moral.....	25
Capítulo III	31
Histórias de pássaros	31
A história do agente “Pintassilgo”	32
A história do agente “Asa branca”	44
Algumas passagens.....	54
Capítulo IV.....	57
Análise do discurso.....	57
Perfil dos agentes.....	58
Controle de endemias.....	59
Condições de trabalho e riscos à saúde	61
Alterações na saúde associadas à exposição aos agentes químicos	75
Capítulo V	85
O olhar de um observador: Sentimentos e expressões demonstrados durante as entrevistas	85
Considerações Finais	89
Referências	91

Apresentação

Este livro narra passagens da vida de trabalhadores (agentes sanitaristas) que se doaram, arriscaram perder saúde, amores, famílias e vidas, com um único objetivo: salvar a vida do outro. Como os mesmos disseram, eram como soldados em guerra, sendo que suas armas eram uma bomba de veneno, a humildade e a coragem.

O desejo de contar a história do controle das endemias no estado do Ceará, sob a ótica dos atores principais, os agentes sanitaristas, surgiu a partir de uma observação em um nível inferior a este, quando eu estudava a relação veneno x efeitos no mosquito *Aedes aegypti*. Ao conhecer o resultado devastador, que o veneno causava no organismo dessa espécie, passei a fazer vários questionamentos: “Que outras espécies são atingidas durante esse processo? Em quais condições se encontra o homem responsável pela eliminação dos vetores após a exposição a agentes tão tóxicos? Como eram as condições de trabalho, e que outros fatores, além dos venenos, podiam interferir no bem-estar dos trabalhadores responsáveis pelo controle vetorial?”

A motivação aumentou, ao ser detectado algumas alterações na saúde daqueles trabalhadores, através de um descritivo exploratório, que fora realizado anteriormente. Assim, percebi que seriam os próprios agentes sanitaristas, atores desta história, que melhor responderiam a todos esses questionamentos.

Este trabalho, portanto, foi concebido com o objetivo de conhecer, e permitir que outros também conhecessem, como era feito o combate às endemias no estado do Ceará, desde a “era da peste” até um passado recente, sob o olhar operacional e moral.

Estelita Pereira Lima

Prefácio

A decisão de investigar o controle de endemias no estado do Ceará sob a ótica dos agentes de endemias constitui-se não somente numa ação de resgate da história de combate de doenças, mas de histórias de vida.

Consiste em texto de esclarecimento e resgate histórico do modelo empreendido pelo Ministério da Saúde para controle de endemias no país, e especificamente na região do Cariri cearense. Este recorte temporal é demonstrativo do quão nefasto pode ser a opção de controle baseado no uso exacerbado de inseticidas para os trabalhadores e comunidades.

No primeiro capítulo, composto de introdução e aspectos metodológicos, as autoras resgatam as endemias que assolam historicamente o estado do Ceará e o processo de exposição aos inseticidas no controle de endemias. Já os aspectos metodológicos esclarecem o rigor científico empregado na pesquisa, na qual se utilizou a técnica de História de Vida Tópica para desvelar, do ponto de vista da pesquisa qualitativa, os significados do processo saúde-doença vividos pelos agentes sanitários, sujeitos do estudo.

No segundo capítulo, trata-se da “organização do trabalho no controle de endemias”. Neste tópico, discutem-se profundamente os modelos técnicos assistenciais de saúde e o resgate histórico da criação dos Distritos Sanitários em Crato, os quais serviam de base operacional para a região do Cariri nos anos 70 do século XX. A organização militar e o aparato tecnológico utilizado são descritos com riqueza de detalhes. Chama atenção o caráter punitivo e coercitivo do processo de trabalho aos quais os agentes eram submetidos.

No terceiro capítulo, intitulado “Histórias de pássaros”, detalham-se ricamente o processo de seleção e ingresso de um agente de endemias na “corporação”, bem como o treinamento

para o trabalho e o processo de exposição a agentes químicos, comprovadamente, causadores de doenças à saúde humana. Aqui, os pássaros cantam suas histórias e as memórias de um processo brutal de submissão ao Estado nas tentativas de controlar quimicamente as doenças endêmicas de modo vertical e desumano.

No quarto capítulo, narram-se os discursos dos agentes de endemias, identificam-se as vulnerabilidades relativas ao perfil educacional, que expõe esses trabalhadores a condições insalubres e perigosas perante os instrumentos objeto de seu trabalho. As histórias, relativas aos venenos a que foram expostos, compõem um mosaico esclarecedor do nexos causal entre adoecimento e o exercício do trabalho do agente de endemias.

No quinto capítulo, “O olhar de um observador: sentimentos e expressões demonstrados durante as entrevistas”; retratam-se, de modo contundente, as dores e dissabores provocados pelo trabalho e como esse processo repercutiu biopsicoespiritualmente nos sujeitos investigados.

Por fim, conclui-se, com maestria, que o trabalho de agentes de endemias ou agentes sanitaristas provocou inúmeros impactos na vida e saúde dos trabalhadores, ademais conclama o Estado brasileiro a repensar o controle vetorial e a proteção da saúde dos agentes e da população, viabilizando medidas menos agressivas às pessoas e ao ambiente.

Evanira Rodrigues Maia

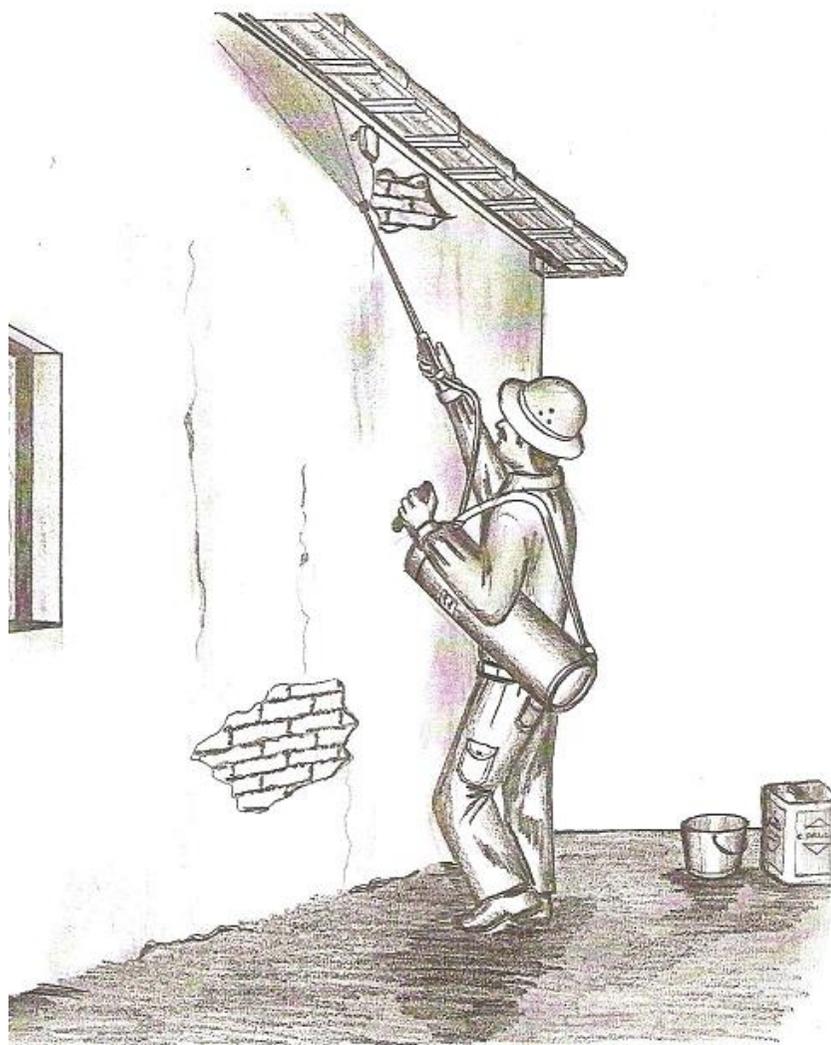
...Até hoje não se ouviu falar que ficou alguma casa, em qualquer parte do país, que não tenha recebido a visita de um guarda. Serra, sertão, rio ou mar. Onde tivesse um domicílio, ia um guarda até lá e deixava sua assinatura num pequeno formulário chamado “visto”, que era afixado atrás da porta, de preferência na porta da frente, marcando o dia, hora e nome do guarda que ali trabalhou; que ali deixou a sua marca; Marca de suor, de dedicação, de gratidão ao povo do lugar.

...Até então, o guarda não tinha o conhecimento de que também, deixava aos poucos, outras marcas fincadas no seu corpo, no seu sangue. Marcas que jamais poderiam apagar.

Maria Iracema Mariano Amorim

Capítulo I

Estelita Pereira Lima



Introdução

O Ceará já sofreu diversas epidemias, que foram responsáveis por milhares de mortes neste estado. Quanto às doenças transmitidas por vetores, quase todas que atingiram o país, estiveram presentes também aqui, destacando-se: febre amarela, peste, doença de Chagas, filariose, leishmaniose e dengue, sendo essas duas últimas endêmicas atualmente. Considerando os meios disponíveis em cada época, várias estratégias foram empregadas para combater essas doenças. Quando não existiam pesticidas, o controle vetorial era feito através de medidas de saneamento, eliminação manual e uso de produtos que, embora não fossem pesticidas, possuíam ações semelhantes. Como exemplo, o emprego de óleo, que era depositado sobre a água para impedir a proliferação de larvas dos vetores naqueles criadouros.

Com a síntese dos inseticidas no século XX, a principal forma de combate aos vetores passou a ser feita, através do uso dos mesmos, nos programas de saúde pública em todo o mundo. No Brasil, eles foram introduzidos na década de 40 para o controle do *Aedes aegypti*, vetor do vírus da Febre amarela (FRANCO, 1976).

Os primeiros inseticidas lançados no mercado eram formulações altamente danosas para o homem e o ambiente. Como esses efeitos eram omitidos, eles passaram a ser usados indiscriminadamente, mas os prejuízos causados, somente foram percebidos décadas depois. No Brasil, os primeiros inseticidas utilizados nas campanhas sanitárias eram os organoclorados, o diclorodifenil-tricloroetano (DDT), posteriormente banido devido a sua acumulação nos tecidos orgânicos e, conseqüente contaminação de cadeias alimentares (OLIVEIRA FILHO IN MARICONI, 1999).

O primeiro alvo de um pesticida é um inseto, um roedor, uma presa qualquer, mas o segundo é o aplicador do produto. Por

isso, os agentes sanitários, que manipulam estas substâncias tóxicas diariamente, são as principais vítimas, pois geralmente estão desprotegidos. É preciso também ressaltar, que entre insetos, depois de um determinado tempo, os inseticidas perdem seu efeito devido à ocorrência de resistência, fenômeno que não ocorre com o homem.

Vários estudos têm demonstrado os males que estas substâncias podem trazer ao ambiente, ao homem, que direto e indiretamente são expostos a elas. Os agentes sanitários se expõem à ação dos inseticidas, desde a diluição do produto, quando é necessário, até o momento da aplicação nos ambientes intra e/ou peri-domiciliares. Dependendo da espécie a ser controlada, várias formulações podem ser usadas durante a atividade laboral, aumentando a exposição a produtos com diferentes formas de ação no organismo.

Os riscos se multiplicam quando os trabalhadores realizam suas atividades, desprovidos de equipamentos de proteção individual (EPI) ou desconhecem as formas corretas de manipulação. Estudos de exposição ocupacional em agentes de campanhas de saúde pública têm revelado uma grande desinformação por parte de tais trabalhadores. A grande maioria possui nível de escolaridade baixa, não permitindo a realização de leitura ou compreensão das instruções dos rótulos das embalagens (CARVALHO; BERBERT; ROCHA, 1987).

Os inseticidas organofosforados estão entre os mais utilizados nas campanhas de saúde pública no Brasil, desde que o uso do DDT e outros organoclorados foram proibidos, embora todos os outros grupos (carbamatos e piretroides) já tenham sido utilizados ou ainda são.

No Brasil, a relação exposição a inseticidas e efeitos na saúde é bastante investigada entre agricultores. Vários trabalhos realizados internacionalmente e no Brasil têm demonstrado os efeitos nocivos dos agrotóxicos para os agricultores (SALVI et al., 2003; SOBREIRA; ADISSI, 2003; SILVEIRA; CASTRO; PEREZ,

2004; CASTRO; CONFALONIERI, 2005; ARAÚJO et al., 2007; HOSHINO et al., 2011; OLIVEIRA; BURIOLA, 2009). No entanto, os pesquisadores que investigam esse problema travam uma luta contra o aparato científico e jurídico instalado junto às grandes corporações, industriais do setor químico, que contestam a validade de provas científicas que possam prejudicar o mercado de seus produtos.

Outra dificuldade enfrentada refere-se à epistemologia da toxicologia, que pressupõe a aceitação de padrões, limites e tolerâncias aos resíduos, construídos com base em um suposto “ser humano médio” (SOBREIRA; ADISSI, 2003).

Em relação a agentes sanitaristas a literatura é escassa. Da década de 80 até 2013, foram realizadas poucas investigações sobre a exposição desses trabalhadores a inseticidas (FRANKLIN; PEIXOTO, 1986; CARVALHO; BERBERT; ROCHA, 1987; MINELLI; RIBEIRO, 1996; DORES; CARBO; ABREU, 2003; TEIXEIRA; AUGUSTO; MORATA, 2003; LIMA et al., 2009; BOTTI, 2010; LEME et al., 2012; SILVA, 2013).

No estado do Ceará, os organofosforados são empregados na rotina das campanhas de controle do *Aedes aegypti*, há cerca de 30 anos. Em alguns anos houve substituição parcial por piretroides, para a eliminação da forma adulta; Bti e reguladores de crescimento para a forma larval (LIMA et al., 2013).

Durante endemias como a doença de Chagas e a peste, outros inseticidas como carbamatos e BHC também eram aplicados, sendo que o último não é mais utilizado, devido a sua elevada toxicidade (LIMA et al., 2009).

Alguns agentes sanitaristas manipulam inseticidas há mais de 40 anos, durante o controle de todas as doenças transmitidas por vetores que ocorreram no Ceará. Dessa forma, estiveram expostos a diversas formulações em curto período de tempo.

Em um estudo-piloto, realizado em Juazeiro do Norte, em 2005, os agentes auto-referiram a vários casos de intoxicação aguda e crônica, os quais culminaram no afastamento definitivo

das atividades com inseticidas, devido às alterações na saúde como: câncer, problemas pulmonares e alterações neurológicas. Constatou-se através dos relatos a ausência ou inadequação de equipamentos de proteção individual (EPI) e de orientações de biossegurança, além da baixa escolaridade de muitos agentes (LIMA et al., 2005).

Estes dados indicaram a necessidade de investigar, de forma mais aprofundada, a relação entre a exposição aos inseticidas e sua repercussão na saúde dos agentes, através de um estudo qualitativo, que permitisse conhecer outros aspectos da atividade laboral, potencialmente associados à saúde dos mesmos.

Para a avaliação desta relação era necessário o conhecimento do contexto de trabalho em que os agentes estavam ou ainda estão inseridos, através da recapitulação da história ocupacional do grupo, pois as alterações não são reflexos de uma relação simples entre o produto e a pessoa exposta, mas de vários fatores que participam da determinação das mesmas, dentre eles, os relativos às características químicas e toxicológicas de cada produto usado, aos indivíduos expostos, às condições de exposição ou condições gerais de trabalho.

Aspectos metodológicos

O estudo foi realizado com trabalhadores de três municípios da região do Cariri, área que pode ser considerada representativa do Ceará por ter apresentado todas as endemias que já ocorreram neste estado, desde peste, no passado, à dengue nos dias atuais; todas combatidas por meio do controle químico.

No estudo foi empregado o método qualitativo História de Vida Tópica. A História de Vida tem como principal função "retratar as experiências vivenciadas, bem como as definições fornecidas por pessoas, grupos ou organizações, como esta

pessoa, esta organização ou este grupo interpretam suas experiências [...] e a História de Vida Tópica focaliza uma etapa ou um determinado setor da experiência em questão” (CRUZ NETO In MINAYO, 1994 p. 58-59). Sua validade reside na possibilidade expressa na narrativa que dá forma ao vivido quando os homens elaboram e experimentam a história de sua vida (DELORY-MOMBERGER, 2006). A escolha deste método deve-se ao objeto em estudo, pois procura compreender os significados individuais e coletivos do processo saúde-doença vivenciados por agentes sanitaristas expostos a inseticidas, e os métodos qualitativos permitem interpretar os significados e representações dos fenômenos partilhados culturalmente pelos grupos sociais.

Atualmente, os estudos qualitativos gozam de reconhecimento, haja vista empregarem métodos que demonstram “clareza de critérios no julgamento da pertinência do caminho percorrido pelos pesquisadores qualitativistas, desde o plano de pesquisa, passando pela coleta de dados, até a interpretação dos resultados” (TURATO, 2005). Porém, deve ser lembrado que os limites desses estudos estão ancorados na sua impossibilidade de realizar generalizações estatisticamente representativas, sendo sua validade relacionada ao conhecimento original produzido, podendo oferecer a outros pesquisadores hipóteses e possibilidades de novos estudos (TURATO, 2005; FONTANELLA; CAMPOS; TURATO, 2006).

Os atores deste estudo foram agentes sanitaristas, que já estiveram ou ainda estão expostos aos inseticidas durante suas atividades, e que relataram alguma alteração na saúde, decorrente do uso destes produtos. Essas informações foram coletadas em um estudo piloto em 2005. Nesse estudo, detectaram-se 30 agentes que se afastaram das atividades com inseticidas, devido ao surgimento de problemas de saúde (LIMA et al., 2005). Além destas características, foram considerados como critérios de seleção dos informantes--chave: ter, no

mínimo, dez anos de serviços prestados à instituição de trabalho; ter sido ou estar afastado de atividades com inseticidas; apresentar condição intelectual, emocional, médica e física para participar do estudo, e aceitar de forma livre e esclarecida participar da pesquisa.

O instrumento de coleta de dados foi entrevista aberta. A escolha por esse tipo de entrevista deveu-se à profundidade que a mesma permite, aproximando o pesquisador da essência do objeto em estudo e favorece aos entrevistados falar livremente sobre as experiências vivenciadas.

As entrevistas foram agendadas previamente, no local e no horário desejado pelos entrevistados, realizadas individualmente e gravadas, com duração média de sessenta minutos. Durante essas sessões, observaram-se também as expressões físicas e emocionais dos entrevistados que eram anotadas em diário de campo.

Para atingir o objetivo proposto, foram realizadas 13 entrevistas, utilizando-se como critério a saturação das falas por recorrência das informações. Estabeleceu-se um corte temporal, partindo do início das atividades com inseticidas até o abandono destas, ou até o momento das entrevistas. As falas dos agentes foram transcritas preservando o anonimato dos envolvidos, bem como o nome de pessoas e instituições citadas pelos mesmos. Assim, foi dado a cada agente o nome de um pássaro.

A análise dos dados procedeu ao ordenamento das informações coletadas. As entrevistas foram lidas e agrupadas segundo as categorias de sentido, respeitando os objetivos propostos. Desse modo, constituem-se as categorias de análise: perfil dos agentes; controle de endemias; condições de trabalho e riscos à saúde; alterações na saúde associadas à exposição aos agentes químicos.

A análise da história de vida dos sujeitos realizou-se através da análise do discurso, que visa analisar não só a fala, mas também os sentimentos e expressões demonstradas pelo relator

durante a narrativa. Para Bardin (1995), discurso na prática das análises *é toda a comunicação estudada não só ao nível dos seus elementos constituintes elementares (a palavra, por exemplo), mas também e, sobretudo a um nível igual e superior à frase (proposições, enunciados, sequências). [...] O discurso não é transposição transparente de opiniões, de atitudes e de representações que existam de modo cabal antes da passagem à forma linguageira.*

Todos os participantes assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido e a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Ceará.

Roteiro de entrevista

Exposição a inseticidas e repercussão na saúde de agentes sanitarias da região do Cariri

Gostaríamos que o senhor voltasse no tempo e relembresse sua história de trabalho nesta instituição, desde quando começou a trabalhar no controle de vetores.

Forma de admissão

Nível de escolaridade na época

Realização de treinamento antes de começar a trabalhar

Função

2 – Fale um pouco sobre sua jornada de trabalho.

Duração diária

Número de dias no campo

Número de dias em casa

Deslocamento

Pernoite e alimentação

Como era a sua relação com a instituição?

Com quantos inseticidas o senhor trabalhou?

Nomes dos inseticidas

Período de exposição

Frequência de exposição

Dosagem usada

Equipamentos de proteção individual

Ingestão de alimentos e bebidas antes, durante e após a aplicação

Tabagismo

Número de fardamento

Lavagem do fardamento

Local e condições de armazenamento de inseticidas

Destino de embalagens

Alguma vez ocorreu acidente durante a aplicação dos inseticidas?

Tipo de acidente

Sinais de intoxicação

Conduta mediante o acidente

Assistência médica

Consequências

O senhor hoje se queixa de algum problema de saúde que tenha adquirido devido ao seu trabalho com inseticidas?

Algum colega de trabalho de sua época já tentou o suicídio?

O que o senhor pensa, hoje, em relação à instituição?



Agradeço muito, o que eu pude fazer com o dinheiro que eu ganhei na instituição, e que ainda tô ganhando. Mas, se for pra dar um depoimento correto, a gente há de dizer, que da maneira com que ela dá, por outro lado ela tira. (Pintassilgo)

Capítulo II

Maria Iracema Mariano Amorim

Da organização do trabalho no controle de endemias ao assédio moral

Em 22 de maio de 1970 foi criada a Superintendência de Campanhas de Saúde Pública - SUCAM, através do Decreto nº 66.623, resultado da fusão dos antigos serviços: Departamento Nacional de Endemias Rurais - DNERU, Campanha de Erradicação da Malária - CEM e da Campanha de Erradicação da Varíola (MORAES, 1990).

Em 1976, foram estabelecidos os Distritos das Diretorias Regionais da SUCAM, através da portaria nº 83/Bsb, de 07 de julho, pelo seu superintendente. No Ceará, funcionava a Diretoria Regional em Fortaleza e os Distritos Sanitários em Baturité, Crato e Sobral.

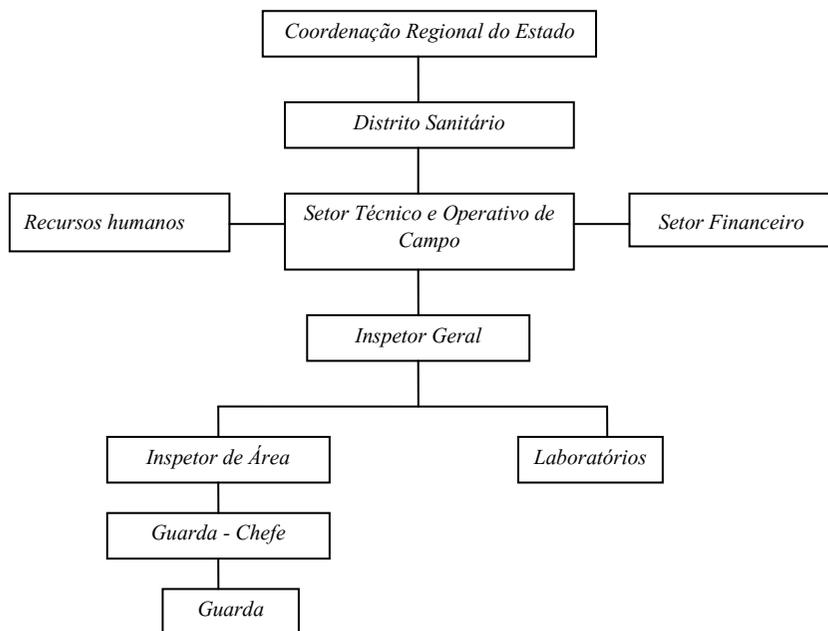
O Distrito Crato, com sede na cidade do Crato, era composto por 54 municípios, fazendo parte da sua área de jurisdição os municípios de Abaiara, Acopiara, Aiuaba, Altaneira, Antonina do Norte, Araripe, Arneiroz, Assaré, Aurora, Baixio, Barbalha, Barro, Brejo Santo, Campos Sales, Caririaçu, Cariús, Catarina, Cedro, Crato, Ererê, Farias Brito, Icó, Iguatu, Ipaumirim, Irapuan Pinheiro, Jaguaribe, Jardim, Jati, Juazeiro do Norte, Jucás, Lavras da Mangabeira, Mauriti, Milagres, Missão Velha, Milhã, Mombaça, Nova Olinda, Orós, Parambu, Penaforte, Piquet Carneiro, Porteiras, Potengi, Quixelô, Saboeiro, Salitre, Santana do Cariri, Solonópole, Tarrafas, Tauá, Umari e Várzea Alegre (MORAES, 1990).

Para ingressar na função de agente de endemias na instituição, não havia tanta exigência em relação ao nível de

instrução escolar, a maioria possuía apenas a 4^a série primária, equivalente ao Ensino Fundamental I. Bastava saber ler e escrever, pois o mais importante era seguir as normas técnicas exigidas, as quais aprendiam praticando.

O exercício da função consistia na realização de um trabalho bastante elementar, mas que exigia do classificado disposição, força e muita coragem, mas muita coragem mesmo. Um dos trabalhos mais comuns era a aplicação de inseticidas. Para tanto, o guarda participava de treinamento rígido para não cometer erros. No momento, o veneno era substituído por água nas bombas. Nas próprias instalações do prédio da repartição havia um painel muito bem desenhado, esquematizando a aplicação de inseticidas.

O serviço era organizado de forma hierárquica como representado no diagrama apresentado neste texto. É importante sua leitura, pois facilitará a compreensão de termos, funções e informações contidas nas falas dos depoentes. A hierarquia era obedecida quanto ao cumprimento de ordens e repasse de informações.



O modelo assemelhava-se ao militar, ditatorial. O regime disciplinar dos servidores consta no Manual de instruções para guardas, guardas-chefes e inspetores, orientando que as ordens dos superiores devem ser cumpridas dentro de um prazo estipulado, independente da obtenção de esclarecimentos (BRASIL, 1986). A adoção desse regime estendia-se até aos bens materiais. Citam-se, como exemplo, os carros usados nas campanhas que eram chamados de viaturas.

Para organizar uma turma para o trabalho de campo, era formada uma equipe com um supervisor, ao qual um guarda-chefe, que era responsável por um grupo de 4 a 5 guardas que executavam o trabalho (transportavam o material, preparavam e aplicavam o veneno) era subordinado. Também havia diferença hierárquica entre os guardas. O número 1 substituiria o guarda-chefe se necessário fosse.

... Toda vida eu era o 1. Quando o guarda-chefe saía eu ficava no lugar dele. Muitas vezes o 1 não queria não, mas geralmente quando eles botavam a relação da turma que você era o guarda número 1, já sabia, você era o substituto do encarregado. (Tico-tico)

O diálogo entre um guarda e seu supervisor iniciava-se pelo sinal de continência, como ocorre nas forças armadas. O guarda dirigia-se ao seu superior, dizia seu nome e o número de uma chave que era dada a cada um quando ingressava no serviço.

Os guardas não tinham permissão para frequentar a Sede do Distrito, a não ser por convocação ou se seu problema não pudesse ser resolvido pelo seu chefe imediato. Eles não tinham interação com o pessoal interno, o porta-voz era o inspetor de área, que todas as segundas-feiras se reuniam com o inspetor geral e o chefe do setor técnico para repasse de informações dos trabalhos realizados e para programarem as atividades semanais.

Era um tempo de opressão, de ameaças. Cada inspetor e guarda-chefe possuía uma caderneta no bolso, na qual eram anotadas as atitudes reprováveis como desacatos e erros cometidos pelos subalternos. Não era bom para o servidor ter ocorrência na caderneta.

Muitas das condições citadas, na época, representavam condições de “respeito”, subserviência sem limites, hoje caracterizadas como assédio moral.

Segundo o Ministério da Saúde (2008 p. 7)

Assédio moral é toda e qualquer conduta abusiva (gesto, palavra, comportamento, atitude), que atente por sua repetição, ou sistematização, contra a dignidade ou a integridade psíquica ou física de uma pessoa, ameaçando seu emprego ou degradando o clima de trabalho.

Era uma chefia de carranquismo, era fechada, não tinha abertura nenhuma. Ou você ia ou eles ameaçavam te cortar o ponto. Indenização era perdida, a diária... [...] Eles falavam: “tiro logo a diária e não há atestado que resolva, que abone suas faltas”. (Juriti)

...Era muita perseguição. O chefe queria que a gente trabalhasse depois da hora. [...] O primeiro guarda-chefe que eu peguei botou a gente pra trabalhar até sete horas da noite. (Tetéu)

...O chefe da turma ainda era mais um carrasco da molesta. [...] uma vez eu falei: rapaz, eu não aguento mais não! E ele disse: “O seu serviço é esse. Se você não completar, você vai pra pedra”. Pedra era trabalhar no posto sem ganhar diária. (Tico-tico)

Infelizmente, este tipo de pressão não ficou no passado. Um trabalho publicado em 2012 mostrou que agentes com problemas de saúde não se ausentam de seus postos, para não sofrerem uma redução salarial significativa, pela perda das suas diárias. Estas correspondem à cerca de 50% a mais na remuneração. Para o trabalhador, essa “gratificação da produção”, mais do que uma medida administrativa de premiação, funciona como controle sobre o trabalho, não permitindo que ele se afaste para resolver problemas relacionados à saúde. Além disso, ao procurar o serviço de saúde, dificilmente se estabelece uma associação entre a morbidade e as condições de trabalho. A responsabilidade pelo adoecimento recai sobre o trabalhador, e ele passa de vítima a culpado (GUIDA et al., 2012).

...Quando eu cheguei lá no sítio faltavam quinze minutos para as oito horas. A primeira coisa que o chefe fez foi olhar

para o relógio, e dizer que no município não deixava eu trabalhar. Eu com os pés dessa grossura (inchados) de andar a noite todinha! Eu disse: mas chefe, não faça isso não. Desde ontem umas 10:30 da noite que eu estou andando para chegar aqui, procurando chegar aqui 7:00, e você não vai deixar eu trabalhar? Aí sabe o que foi que ele disse? “Eu deixo você trabalhar se você ligar direto. Parar só pra comer”. Aí eu disse: eu quero. Foi o dia que eu sofri mais na minha vida. (Tico-tico)

Ser chefe também não era fácil. Eles também eram cobrados pelos inspetores de área, e muitos eram odiados pelos seus colegas.

... Ser chefe na repartição naquela época era difícil demais. Para os seus próprios colegas você era um cão, um diabo. Era desse jeito. [...] Quando a gente chegava, eles falavam logo: “Vixe! Lá vem o cão. Lá vem o cururu ali”. Não sei se vocês já ouviram falar isso. Chefe era cururu nessa época. A gente tinha uma caderneta que dizia: fulano de tal errou na casa de fulano. Deixou de fazer isso, deixou de olhar o chiqueiro. Tratou o dono da casa mal. [...] Tudo de errado que acontecia você anotava. [...] Quando o supervisor chegava dizia: “Me dê a caderneta”. E ia ler o que você escreveu sobre fulano. Toda semana tinha que ter alguma coisa, se não tivesse... O supervisor de área não dizia nem o dia que vinha na próxima semana, que era para você não se prevenir. [...] Ele fazia uma surpresa. Quando ele vinha de moto, ele desligava a moto e vinha empurrando para lhe pegar no erro. Era desse jeito. Eles eram carrascos demais. [...] Parece que eles eram instruídos para maltratar a gente. (Tico-tico).

Capítulo III

Histórias de pássaros



A história do agente “Pintassilgo”

Eu entrei na instituição no dia 2 de maio de 75 e, entre vários candidatos, saíram 9 aprovados aqui do Crato e nós fomos a Fortaleza trabalhar no combate à malária. E lá nós passamos 06 meses, retornamos para o Crato, onde nós ficamos na campanha de Chagas, trabalhamos bastante tempo e depois enveredei pela campanha de FA (febre amarela) e hoje me encontro trabalhando no fumacê, fazendo a proteção de algumas cidades que são solicitadas pelos secretários de saúde, pra gente fazer a cobertura de combate ao mosquito transmissor da dengue.

Quando eu entrei na instituição mesmo eu tinha 22 anos, mas eu trabalhei numa faixa de 5 a 6 anos antes, quando meu pai era funcionário desta mesma instituição também, e eu com 13 anos já trabalhava gratuitamente, ajudando o meu pai que era agente de saúde na campanha de peste [...] chamavam campanha de peste porque tinha 2 sentidos: o 1º sentido era porque naquele tempo as pessoas contraíam a peste bubônica e por outro lado chamavam campanha da peste porque era uma campanha bastante rígida, uma campanha precária, as coisas tudo difícil né. [...] Eu trabalhava praticamente de agente mesmo. Eu desempenhava o papel de agente porque meu pai tinha a faixa assim, de seus 47 anos e ele já tinha trabalhado bastante tempo e, na época eu também desconhecia o lado prejudicial da campanha. 80% do trabalho quem realizava era eu no campo.

A campanha nesse tempo, eu posso assim dizer [...] o elemento ganhava o dinheiro para o sustento da família, mas ele trabalhava todo desproporcional. O guarda trabalhava sem máscara, sem nenhuma proteção, trabalhava com DDT a 75%, pra combater a pulga do rato. O preparo do inseticida era

totalmente irregular. Vamos dizer que na época que você teria que botar pelo menos 200 g de inseticida a 75% em 10 L.

Eles andavam com um litro de óleo desses comestível e, não sei quem disse pra eles que um litro de inseticida puro era o suficiente pra 10 L. Quer dizer, a coisa era complicada. O camarada trabalhando praticamente com 900ml puro de inseticida a 75% e depois foi até proibido pela saúde mundial porque causava câncer, e o pior nem era nem o DDT a 75% era outro produto que era usado pra se combater o rato na toca, com tipo uma bomba de encher pneu de bicicleta. E nesse produto tinha o cianogás, um produto altamente tóxico, que hoje se sabe a gravidade do produto, na época não se sabia. Eu acredito que era um dos componentes que foi usado até na bomba atômica. E o guarda colocava a mangueira no buraco do rato, colocava o barro e fazia aquele movimento tipo uma bomba de bicicleta pra poder aquele ar sair juntamente com o veneno e se aprofundar no subsolo pra matar o rato lá dentro da toca.

Eu fazia isso. Na época pra mim, era uma novidade, era uma coisa boa, que eu, um menino de 13 anos, eu não podia imaginar a gravidade que eu tava me expondo. E desse pessoal que trabalhava comigo nesse período, tem uma faixa um pouco grande de mortalidade, assim por envenenamento. Meu pai mesmo quando faleceu, não faleceu provocado pelo inseticida, mas ele tinha certa quantidade de inseticida no sangue.

Hoje conheço uma certa parte de pessoas que comprovadamente morreu em consequência das complicações desses inseticidas. Na época não tinha uma política de proteção aos agentes. Praticamente tudo que eu aprendi foi depois que eu parei de trabalhar, porque no momento eu era praticamente analfabeto. Vamos supor que eu tava no 3º ano. Eu parei de estudar, eu optei mesmo pra ajudar meu pai, sabe? Por incrível que pareça eu tô concluindo o 2º grau agora, com 54 anos de idade.

...Eu usava roupa comum. Muitas vezes eu trabalhava até de bermuda. Eu trabalhava à vontade. Tinha dia que eu trabalhava só de calção, camiseta. Eu não usava capacete porque não tinha capacete pra mim, tinha pra meu pai, o equipamento era de meu pai. Não tinha nenhum tipo de proteção. Até meu pai como servidor não tinha um fardamento adequado. Ele usava uma camisa de manga comprida, calça e bota e o capacete. Não tinha uma proteção ocular, não tinha uma proteção na boca, uma espécie de máscara pra filtrar o inseticida, não tinha nada. As condições de trabalho, pelo menos pra saúde eram desumanas.

Eu lhe digo com segurança que eu não sentia nada, mas eu presenciei nos funcionários, muitas coisas relacionadas ao veneno. Eu me lembro que a gente fez um pernoite numa vila de Santana do Cariri, por nome de Yuma. Era na faixa de uns 8 agentes de saúde, inclusive meu pai. E eu me lembro de uma coisa que eu nunca esqueço, era o desenrolar da noite. Esse pessoal dormindo, eles tossiam muito, inclusive meu pai. Aquilo me chamou muita atenção e depois muito tempo foi que eu vim perceber que aquela tosse não era um resfriado, era a consequência agressiva do inseticida mesmo.

...Eu sentia dor de cabeça. Aliás, isso é uma rotina de quem trabalha com inseticida até hoje. É muito difícil se terminar uma operação com qualquer tipo de inseticida pra que uma das consequências imediatas não seja a dor de cabeça. Eu não sei por que essas coisas acontecem. [...] Se é por conta da composição química do produto, mas a sensação é dor de cabeça acompanhada de mal estar.

O cianogás era quase como um cimento. Quando uma pessoa chega no mercado e compra pra fazer um retoque na casa não leva num saquinho de plástico? Eu me lembro que vi muitos guardas conduzindo o inseticida dessa maneira. Já o veneno pra você fazer a dedetização líquida era DDT a 75% e, do lado da embalagem tinha uma caveirinha, assim com as

mãozinhas cruzadas. Então o guarda levava o cianogás, o inseticida DDT, até enquanto ele não fosse usado e as ratoeiras pra capturar os roedores domésticos e os silvestres nas roças, e a bomba. Ali era o guarda, o auxiliar, o inseticida que era de competência dele. Ele tinha que carregar o inseticida, era problema dele. Eu também levava, eu ajudava meu pai. O carro deixava somente o material numa residência que a gente chamava de PA (ponto de apoio), que era ponto de abastecimento e ali os guardas faziam a distribuição. Tinha 3 camionetes e um jeep. O veículo era pra deixar o servidor no campo. Depois ele se deslocava a pé. Não tinha nenhuma campanha que era motorizada não.

Eu recebi um treinamento em 75, quando eu já era funcionário direto da instituição. Eu posso dizer que todos os treinamentos antes, em todos esses anos que eu trabalhei, foram muito poucos. Não teve uma preparação, foi mínima. Uma semana, de segunda a sexta-feira. Somente pra operação de aplicação do inseticida no combate à malária, eles prepararam a gente pra fazer a cobertura lá em Fortaleza, na zona rural.

...A roupa usada na semana, a gente trazia pra casa e mamãe batia. Isso foi uma cultura que passou da minha mãe pra minha esposa. Minha esposa também lavava a minha roupa e o produto que era impregnado durante a semana, naturalmente na hora que estava lavando liberava o odor, né! E ela espirrava muito...

No combate à malária eu trabalhei com o DDT e no combate à peste eu trabalhei com o DDT a 75% e o cianogás. No combate à dengue eu trabalhei com malation, abate, sithion, com vários produtos.

Quando eu ingressei na instituição, eu passei apenas 06 meses trabalhando diretamente como guarda. Eu fui aproveitado pra fazer aquele trabalho, mas isso não quer dizer que essas atividades andem fora do inseticida não. Eu recebi um cargo de guarda-chefe, mas o supervisor e o guarda-chefe

sempre estavam acompanhando a turma. O guarda muitas vezes fazendo o trabalho de dedetização e o guarda-chefe entrava lá pra ver se ele tava fazendo o trabalho correto. Quer dizer, a gravidade do contato era a mesma.

Eu gosto muito de dizer quando sou inquirido a falar, que a instituição desde o princípio, quando não era o que é hoje, ela passou por várias siglas desde 75 pra cá, mas uma coisa que ela nunca mudou foi pra uma situação pra proteger o agente de saúde. Então ela nunca se preocupou com isso não. Que eu saiba, não. Não posso dizer a você que nós tivemos um tratamento específico pra preservar nossa saúde. Eu pelo menos, desconheço. Houve um movimento aí na saúde do trabalhador pra que usasse aquele equipamento de segurança, mas aquilo foi uma coisa quase temporária, que ao passo que aquele equipamento ia se desgastando, não tinha uma política de reposição. Quando tinha aquelas máscaras que os filtros se desgastavam, geralmente era muito difícil receber ou trocar a peça de reposição. Você sabe, uma coisa que é pra lhe proteger, mas se você prestar bastante atenção, na prática não é bem assim...

Hoje eu sou uma pessoa que tô, praticamente aposentado, vou dizer que tudo que tenho na minha vida dependeu único e exclusivamente desse emprego meu, porque eu tive condições de criar uma família; hoje tenho filha formada, engenheiro, tem filhos que estão se dando bem na vida, mas se alguém chegar pra me dizer: “Você considera que a instituição durante esse tempo que você trabalhou pra ela, ela se preocupou em proteger a sua saúde?” Eu digo com toda certeza, de maneira nenhuma. Hoje eu sou um homem hipertenso, tomo remédio controlado, tomo 2 comprimidos por dia há mais de 20 anos, em consequência desse trabalho. E tem outras coisas piores que outras pessoas que trabalhavam aqui adquiriram. Doenças renais, outros pegaram até problemas circulatórios, mas, tudo se ligar bem, foi em consequência desse contato com o inseticida.

Então tudo tem um preço. Eu posso dizer, com uma certa vantagem, que graças a Deus fui preservado; porque se eu tô com esse problema de hipertensão, pelo menos é uma coisa que tem controle. A minha herança do serviço público é essa. Mas infelizmente, tinha outros colegas que não tiveram a mesma sorte, alguns chegaram até a contrair o câncer. E todo mundo sabe que todo inseticida provoca câncer. [...] O pessoal que trabalhava com inseticida, se não procurar uma proteção, certamente vai se contaminar e uma das consequências pode ser o CA de pele, respiratório, de estômago. [...] Eu perdi há 2 anos atrás, na faixa de 2 a 3 colegas, que faleceram em decorrência de doenças adquiridas com inseticida e, o que eu posso lhe dizer é que, embora hoje, não vou dizer que tô financeiramente realizado, mas tô vivendo, dentro de uma situação dessa no país. Agradeço muito o que eu pude fazer com o dinheiro que eu ganhei na instituição e que ainda tô ganhando. Mas, se for pra dar um depoimento correto, a gente há de dizer, que da maneira com que ela dá, por outro lado ela tira. Ela dá meios de você criar a sua família, meios de você viver, mas ela também retira uma das coisas mais importantes para o ser humano, que é a saúde. Porque eu acredito que uma pessoa doente, por mais dinheiro que ela tenha, ela não se sente bem. Porque ela é um dependente, ela não é igual aos outros.

...Eu era muito tenso, muito agressivo. Dificilmente tinha uma semana pra não ter atrito com os colegas. O trabalho do campo era bastante rígido [...] a gente tinha um chefe, chamava inspetor, tinha o diretor e o inspetor. A diferença do nosso trabalho pro regime militar era muito pouco. A diferença era que a gente usava inseticida e eles usam bala, fuzil, essas coisas. Eles combatiam por um lado e nós combatia por outro. Mas a hierarquia era quase a mesma coisa. Pra você ter uma ideia, nessa época tinha jornada, chegamos a passar até 40 dias fora. O guarda tava no campo trabalhando e, às vezes o inspetor chegava no carro naquela mordomia né! e nós no pesinho né!

[...] O guarda tinha por obrigação de se apresentar. O guarda dizia, vamos supor: “Pintassilgo nº tal”. Se você não fizesse isso, quando aquele superior chegasse, ali ele encarava como uma indisciplina. Agora olha se você tinha saco. Você passar 40 dias no mato, longe da esposa, longe do convívio da família e, chegar um superior e você ainda ter que se apresentar. [...] Eu me lembro que uma vez eu cheguei e fui pegar meu menino e ele me estranhou, chorou. Quer dizer o menino não reconheceu o pai. Então é onde eu digo a você, que a trajetória da gente dentro dessa instituição teve o lado prejudicial tanto pelo trabalho com inseticida como pelo lado afetivo. Porque você passar 40 dias longe da pessoa que você gosta, sua esposa. Aquela criatura passar 40 dias longe do marido, enfrentando os problemas dentro de casa [...] alguém passar e dizer –“essa mulher é viúva, é separada.” [...] E quando eu chegava, geralmente, só tinha o sábado e o domingo.

...Geralmente o guarda tava trabalhando e molhava o fardamento causado pelo vazamento, aí ele à tarde vestia a farda que ele sempre conduzia e aquela outra ficava pra lavar. Tinha duas fardas. Você sentia arder os olhos, a face, o nariz, espirrava muito e, após a aplicação quando você ia tomar banho o contato com a água na pele era dor, era como se aquele inseticida tivesse saindo novamente. E por mais que lavasse e fizesse um trabalho bem feito, quando ia jantar ou ia dormir sentia a ardência no rosto. Isso com BHC, k-othrine, e todos os produtos destinados ao combate do barbeiro eles tem essa ardência. Até esse que eu tô trabalhando hoje no UBV.

Geralmente, a gente bebia leite. Eu fumava muito. Durante a aplicação não era recomendado porque eles diziam que a gente podia ingerir aquela substância junto com inseticida. Bebia cachaça. Isso é uma cultura da instituição. De cada 100 funcionários 90 ingeriam. Até porque a natureza do trabalho fazia com que o camarada tivesse como opção de divertimento. Trabalhava o dia todinho, à noite ia se descontraír

num barzinho. O momento de lazer do cara era aquele que ele parava pra beber.

Eu me afastei do campo, diretamente do BHC em 81. Esse BHC ele vinha destinado em sacos pra ser pesado por nós e eu cheguei muitas vezes a pesar. Não passei muito tempo pesando não, mas presenciei colega meu pesando e tendo sangramento pelo nariz. Teve um que sangrou muito pelo nariz que eu até pedi pra ele se retirar da pesagem, porque o inseticida era tão forte e eles não sabiam o quanto era prejudicial. Na época dessa pesagem, a máscara que eu me lembro era uma flanela no nariz, porque a instituição mesmo não fornecia...

Eu, no momento, pelo menos que esse colega meu teve esse problema lá, que ele sangrou, eu não me lembro da instituição ter tomado alguma providência não. Ele parou de sangrar na hora lá, e voltou até a trabalhar de novo! É como eu te digo, tinha um descaso.

Teve acompanhamento médico há pouco tempo, uns 10 anos atrás veio um pessoal, pediram que o pessoal que lutava com inseticida fizesse uma avaliação médica. De 6 em 6 meses vinham aqui pra avaliar. [...] Mas eu te digo que até isso foi sustado, não existe mais...

A população recebia a gente muito bem. A gente chegava numa determinada casa e pedia pra que a pessoa fizesse a alimentação da gente e quando terminava o trabalho se alimentava [...] eu posso dizer até que a gente não sabia o que ia comer. Eu comia o que o pessoal botasse.

A dormida era em armazéns, em aviamentos, garagem. [...] Cansei de dormir ali, olhando pra um canto de parede com inseticida lá, bomba, material de trabalho...

...Era pra trabalhar 8 horas. De 7 a 11 e de 13 as 17. Mas tanto tinha dia que trabalhava de menos, quanto tinha dia que trabalhava demais. Porque era o seguinte: se entrasse 3 guardas numa localidade que tava marcada na escala eu distribuía 3 guardas pra aquela região. [...] Na época as cargas

de inseticida eram de 500 g e cada guarda usava uma média de 7,5 Kg. Geralmente 12, 13 cargas por dia, no máximo 15...

...Já sofri humilhação! Eu me lembro que nós fomos convidados a sair de dentro de um ônibus. Depois de um trabalho na beira de uma pista. [...] Eu me lembro muito bem que nós entramos e o pessoal começou a espirrar. E o pessoal espirrando, espirrando, aí tinha uma senhora que se dirigiu a gente assim, como se nós fosse um animal. Aí chamou o cobrador ai disse assim: “Porque vocês não colocam esse pessoal pra fora? Esse pessoal luta com veneno, não tem condições de eles ir aqui dentro não”. [...] O nariz da mulher, tinha hora que eu pensava era que ia sair fora, porque ela espirrou demais.

E outro tipo de discriminação muito grande foi em Fortaleza na campanha de dengue. [...] Quando o guarda abordava as pessoas naqueles bairros de elite e as pessoas recebiam o guarda e não davam a mínima atenção. [...] Eu lhe digo uma coisa com toda sinceridade, nos bairros mais pobres é onde o agente é bem tratado, é onde ele se sente bem. Porque eles sim, facilitam e dão oportunidade de desempenhar o seu trabalho. [...] Na época nós fazíamos o trabalho, tanto focal como o perifocal. O focal era com o larvicida, o abate e o perifocal era com o malation, um inseticida repulsivo, que só o odor que ele soltava já amedrontava as pessoas. As pessoas ficavam sem querer aceitar o trabalho porque era mal cheiroso. O malation foi extinto, a instituição não usa mais. Primeiro porque descobriram que a composição química dele, entre outras coisas, causava câncer e embora, ele fosse muito eficaz na época, ele foi caindo, se desgastou né! [...] Não tem essas comissões dos recursos humanos? Aquele pessoal que defende o meio ambiente né? Então eles descobriram que esse inseticida com o acúmulo no combate, vinha criando um problema pra população. Aí foi que procuraram outro meio de combate tirando o malation.

Hoje eu faço um trabalho, com aquele carro do fumacê, sou operador. O carro tem um canhão que você vai controlando, chega numa esquina é uma escola, tem uma creche, uma farmácia, lanchonete. Onde tem muita criança você faz o fechamento pra que num atinja a criança.

A farda é um macacão, bota e, material de proteção não é necessário, porque é trancado dentro da cabina com ar condicionado. Eu faço muita crítica, mas esse departamento que eu peguei foi o único local que eu trabalhei nesses 31 anos que eu me senti realmente protegido contra o inseticida. [...] Esse realmente é digno de elogio.

...No momento que você está usando aquele carro rotineiramente, você de repente pode tá tentando combater uma coisa e criando outra, porque quem trabalha combatendo qualquer vetor, você sabe que tem o efeito colateral, né? Você atira numa coisa e mata outra.

O que me chamou atenção em todo esse tempo que eu trabalhei na instituição, de 75 pra cá, é esse amor dedicado pelo funcionário da saúde. Eu tenho pra mim, eu atribuo isso, mais à necessidade de trabalho. De repente, eles se acham num trabalho bem remunerado, igualmente às pessoas que ralaram numa faculdade. Nem todo mundo que tem faculdade tá ganhando o que eu ganho. O funcionário que entra hoje na saúde, nem tem segurança, não tem um ordenado digno, ele não tem a carteira assinada, ele não pode provar que é um funcionário. É um conveniado, ele é chamado um funcionário fantasma...

“Pintassilgo”

Me considero um preso. Não tem aquele preso que tem prisão domiciliar? Pois é como eu. Não tenho o prazer de sair pra canto nenhum. Eu não tenho condição de caminhar! (Asa branca)

A história do agente “Asa branca”

A gente começou a trabalhar na repartição em 1982. Na época nós fizemos o concurso lá dentro mesmo. Eu tinha mais ou menos uns 38 anos, por aí assim, tinha o primeiro grau. Aí, daí pra cá eu não pude mais estudar de jeito nenhum.

Eu trabalhei 4 anos na campanha de Chagas, 4 anos na campanha da esquistosomose fazendo tratamento d'água nos rios, distribuindo aqueles recipientezinhos pra fazer exame de fezes. Depois eu saí e fui trabalhar no calazar, quando começou o calazar no Crato, uns 03 anos. Do calazar saí e fui trabalhar na campanha de peste, com ratos, roedores. Trabalhei uns 05 anos na campanha de peste. Trabalhei também uns 4 em FA, com o abate. Só não trabalhei na campanha de tracoma, mas nas outras campanhas todinhas eu trabalhei.

...O BHC foi o primeiro inseticida que eu trabalhei, uns quatro anos. Aí depois veio o K-othrine, a cipermetrina e aí o carvim. Esse aí era fraquinho, era só pra pulga mesmo. Agora, forte mesmo, era a cipermetrina, era o K-othrine, o BHC, que era o mais pior de todos. Ainda bem que foi extinto. O das pulgas era um pó, aplicado em uma bomba tipo um ventilador que a gente aplicava só pra sair aquela poeira do veneno.

... Na época da campanha de Chagas, o inseticida que a gente usava no combate ao barbeiro era o BHC. Então a gente viajava pra Jaguaribe, Jaguaribara, Feiticeira, essa região dos Inhamuns também, extremando o Rio Grande do Norte...

...Tinha os treinamentos lá dentro da repartição mesmo, só pra pulverizar né. Tinha aquele treinamentozinho somente e pronto. Nunca falaram dos riscos pra saúde. [...] O que eles falavam era querer trabalho. Quanto mais trabalhasse melhor. Era como o cangaço.

...Pra pesar o BHC, abria aquele sacão de BHC grande né, aí pesava 250 gramas pra botar num saquinho que era a carga de uma bomba. E isso não tinha proteção de nada. A proteção

que a gente tinha era a toalhazinha, que o guarda levava dentro da bolsa, pra botar no nariz, e o capacete de fibra. Toda noite o guarda lavava a toalhazinha e guardava lá, que era a proteção dele no outro dia. Cada guarda usava uma toalha. Era a máscara que a gente usava. [...] Quem fizesse tantas e tantas cargas por dia, pesava como quem tava pesando farinha, e inalando sempre o veneno, direto.

O saquinho era de plástico. A gente abria o saquinho botava 250 gramas daquele pó do BHC, que era equivalente a uma carga de uma bomba. Aí a gente andava com ele dentro da bolsa, dormia junto com veneno, comia junto com veneno. Se alguém desse um pão por aí, a gente comia misturado, não tava nem aí.

...a gente andava com um balde também né! um balde de alumínio com uma medida de 10 litros d'água pra dissolver o BHC. [...] Lá nos Inhamuns, aconteceu várias vezes da gente ir buscar latas d' água longe pra pulverizar uma casa.

A gente botava aquele pó dentro do balde e era uma confusão. A gente pegava arrumava uma madeirazinha, um pauzinho pra poder mexer dentro do balde e depois despejava dentro da bomba. Era mesmo que massa do reino pra poder dissolver. [...] Tinha uma peneirazinha pra colocar na bomba e depois pulverizar as casas. E os nomes que a gente levava do pessoal que não aceitava de jeito nenhum! Porque era fedido, passava de 6 a 7 meses fedendo numa casa. Não tem quem aguente não.

...As embalagens eram muito recomendadas, principalmente, a do BHC. [...] A gente trabalhava com os saquinhos, despejava, usava e amarrava pra prestar conta. Cada saquinho era uma carga que a gente usava. E o K-othrine era lata, como essas de óleo. Aí a gente pegava e levava ele pra longe das casas, procurava um setor e fazia um fogo e queimava caixa, queimava lata, tudo. Era a maior recomendação porque não podia ficar jogado aí. [...] Eu pensava assim. Eles davam

mais proteção a lata de veneno de que ao ser humano! Muita gente falava [...] pra você ver o governo como é. Dá proteção a uma lata dessas, e a gente é sem proteção. ...

A pulverização era desse jeito: se o vento tivesse pra cá, a gente tinha, como diz o dizer do outro, tinha que “urinar contra o vento”. Era o que os chefes queriam. Podia se molhar de veneno, o vento jogando, nunca se podia aplicar inseticida que não molhasse a gente. Podia acontecer o que acontecesse que eles “não tavam nem aí”, a ordem era deles. Tinha que fazer da maneira que eles quisessem. [...] E banho, só à noite. Se tivesse no local água pra tomar banho.

...Acidente com a bomba, nunca aconteceu comigo não. Mas, já aconteceu com os colegas. Com o Ls explodiu uma bomba, estourou e quebrou os queixos dele. Quebrou o maxilar. Eram umas bombas UTZ que tinha né.

...Já aconteceu de eu pulverizar 06 casas num dia. [...] Eu tive ânsia de vômito. Ainda hoje eu sinto. Minha cabeça quando roda, aí que eu sinto dor de cabeça e ânsia...

O pessoal dizia: “Rapaz, você não toma leite não? É muito bom. Vocês que lutam com veneno é bom tomar leite”. Mas onde é que a gente adquiria leite? Tinha um colega meu que tava com uma úlcera e andava com uma garrafinha térmica. Comprava leite e botava dentro da bolsa. Aí ele foi pedir um leite lá em Jaguaribe, que lá tem muito leite, aí um rapaz disse: “Você devia era andar puxando uma vaquinha”. [...] Eu não bebia nada, nada. Só água, quando a gente encontrava. [...] Agora eu fumava, só depois da aplicação. Antes não tinha condição, porque eram as duas mãos ocupadas. Uma era na astra da bomba e a outra pra dar o ar, e a boca amarrada.

...Ah! Tinha muitas noites que eu não aguentava. Parecia era que tinha uma ror de coisa tudo beliscando no pescoço, por fora, na pele. A garganta ficava ardendo que só pimenta, queimando demais por que a gente respirava, ficava respirando e ficava ardendo. [...] Muitas vezes à noite, sabe o que é que

acontecida? Eu pegava pasta de dente porque que não tinha pomada, e aplicava aqui a pasta dentária porque refrescava.

...Com o BHC, a gente podia tomar um banho com o melhor sabonete que tivesse, passasse o melhor perfume, que quando a gente começasse a suar, começava a sair aquela caatinga do BHC. A gente vinha de Jaguaribe, do Icó nos ônibus, e o pessoal não queria que o guarda entrasse de forma alguma. Tinha mulher que dava até agonia com a caatinga do veneno. [...] A gente pagando a passagem, e eles não aceitavam a gente não. E carro da repartição não levava guarda de jeito nenhum. Só era pros guarda-chefe, os inspetores, só esse pessoal.

...A gente andava de carona... [...] aí aconteceu um acidente que um colega de trabalho perdeu a vida e outros quase morriam também.

Tinha uma caminhonete que a gente trabalhava na campanha de peste, que o motorista dizia que nós pegava carona dos ratos, porque não aceitavam de jeito nenhum. A gente andava com meio mundo de ratoeira e como a caminhoneta era pra carregar os ratos, a gente aproveitava e pegava carona. Era assim.

...As fardas eram duas por ano. [...] Eles davam o caqui e a gente mandava fazer a farda. Era obrigado ser de mangas compridas, colarinho, botão até aqui (no pescoço). Era uma decepção se chegasse em qualquer canto, se você tivesse aberto a blusa até aqui (na altura do peito), Ave Maria! [...] agora luva, máscara, não tinha nada disso.

...Às vezes a gente se irritava [...] porque os chefes eram ruins também. O cabra já numa vida sacrificada daquela, caindo BHC dentro dos olhos, o rosto cheio de suor, e caindo dentro dos olhos, é mesmo que cair pimenta. Aí outro companheiro, enchendo a paciência do cabra, quem é que não se irrita, né? [...] Digamos: o cara tava fazendo o trabalho direitinho quando ele chegava era reclamando. “É porque eu vou

cortar sua diária, vou cortar isso, aquilo outro, vou botar falta, não sei o que”. Não era só eu não, eram vários.

...Se fosse questionar saia perdendo. Sabe o que um guarda chefe uma vez me falou? “Mais vale a mentira de um guarda chefe, ou de um inspetor, de que 10 guardas falando a verdade”. [...] Da repartição eu não tenho nada a dizer. Eu tenho a reclamar é de muitas pessoas ruins que tem lá dentro...

Quando a gente tava trabalhando numa campanha boa, como a FA, trabalhando na cidade [...] se o cara fizesse qualquer coisinha, diziam: – “peraí que eu vou lhe botar na campanha de chagas.” Porque a campanha de Chagas era um matadouro. E quando o cara era ruim na campanha de Chagas mesmo, ele dizia: “Vai pro posto! Pra pedra”. O cabra lá, não ganhava diária, não fazia nada. [...] Só ganhava o ordenadinho mixuruca, e pronto. E tinha que viajar no domingo. Se fosse às sete e dez, digamos pra trabalhar em Jaguaribe e desse sete e dez e se o guarda-chefe estivesse lá, e eu chegasse sete e dez, o guarda-chefe dizia: “Volta pra pedra. Volte pra trás, porque chegou atrasado”. [...] Tinha que voltar pra pedra, ou senão pra bomba. “Vai pra bomba!” Era outra vingança.

...A Chaga era um inferno, era uma chaga mesmo. Na captura de barbeiro era moleza. Agora eles se vingavam e lhe botavam na bomba. O cara tinha que andar com uma sacolona de BHC, uma bomba nas costas e, às vezes, quando sobrava um diabo de uma bomba daquelas cheia de veneno, não podia derramar de jeito nenhum. O cabra tinha que andar léguas e léguas com uma praga daquelas nas costas, cheia de veneno. [...] Era o castigo.

Era assim a vida antigamente. A gente viajava aos domingos obrigado, tinha que viajar. [...] Ali pro lado do Jaguaribe a 300 Km, a gente descia do ônibus, ficava no beijo da estrada à meia noite do domingo pra amanhecer na segunda e 7 horas era pra tá no ponto lá. Que chore, que morra, que aconteça, tinha que ta lá no ponto. [...] Às vezes a jornada

durava 15 dias , às vezes 30 dias. Tinha o dia de folga. Passava, às vezes, um dia em casa e pronto. Aí continuava de novo a viagem.

A gente saía aí, “a granel”, como um filho sem mãe perdido no deserto. Quando encontrasse alguém a gente pedia um prato de almoço, um prato de janta, porque [...] andava com a bomba nas costas, um balde, 14 a 15 cargas de BHC dentro da bolsa, uma bolsa de roupa, aí não podia andar com arroz, feijão, carne, e isso e aquilo outro. Era o jeito pedir ou comprar onde tivesse. Lhe juro, que perante a Deus do Céu, eu já dormi muitas vezes com fome na campanha de Chagas...

...À noite onde a gente fosse dormir, tinha que dormir com o veneno também. A não ser que fosse trabalhar numa cidade. Aí já tinha um ponto de apoio pra guardar.

... Onde alguém quisesse arrumar um alpendre de uma casa, a gente dormia, ou numa casa desabitada, cheio de rato, de tudo. A gente já andava com uma chave micha, que era pra abrir as casas desabitadas pra gente dormir e também trabalhar na casa. [...] Muitas vezes, o cabra tava deitado e os ratos desciam nos punhos das redes e mordiam os dedos da gente, [...] morderam meus pés. Aconteceu foi com vários...

...Lá no campo o inspetor andava num jeep com os inseticidas. Aí chegava em cada turma, abastecia. Cada guarda saía com as bolsas tudo cheia e o guarda-chefe ainda andava com outra. Se fosse faltando, ia completando. Digamos que a gente trabalhava 2, 3 dias. Aí antes de faltar, o inspetor já chegava e abastecia os guardas novamente. Nunca faltava. E aí tinha que andar com ele. Com a bolsa de veneno, a bomba e outra bolsa com as roupas.

Na esquistossomose [...] quando a gente ia fazer o tratamento nas águas era com o balucid, pra eliminar os caramujos. Era muito forte também. Quando sentia o cheiro ficava sem fôlego. Tinha que abrir os tamborzão de bailucid pra fazer as aplicações nos rios, em lago, onde tivesse ponto com

água. [...] A gente abria o tambor, pegava uma conchazinha, tipo daquelas de feira e dissolvia na água [...] botava a mão lá dentro e mexia. [...] Depois era só lavar a mão no rio ligeiro. Só, que largava a pele da mão todinha, como se fosse um ácido na pele da gente. Ligeiro acabava com a farda. É como solução de bateria...

...Tinha vez que, quando eu ia tirar de dentro do tambor, ficava sem fôlego. Aí não aguentava, pegava ia novamente encher as vasilhas, e pronto. Podia sair pra o campo.

...Lá na Quixabinha, tinha uma barragem bem grande e eu andava com um motor pra aplicar o bailucid. Eu entrei era lá dentro dessa lagoa e fui fazendo a aplicação né. E os peixes morrendo, morrendo tudo. Era o jeito fazer assim. [...] O motor era de 200 litros, muito pesado. A sorte era que o pessoal, pra ficar com o peixe, ajudava a empurrar o motorzão. Agente tinha que entrar dentro d'água e fazer a aplicação como os bombeiros. Jogando inseticida em cima da água e o pessoal empurrando o motor. Era menino, mulher, todo mundo ajudando fora d'água...

...O bailucid só faz tirar o oxigênio da água [...] ele tira o oxigênio da água e elimina o caramujo. [...] Eu comia dos peixes também. Não tinha problema de jeito nenhum [...] porque só tirava o oxigênio da água.

...Pra essa campanha eu recebi treinamento lá em Fortaleza. O treinamento era pra medir a vazão, saber quantos litros de água passa por hora, por segundo, e somente fazer a aplicação do bailucid na água. [...] E proteção, durante os tempos que eu trabalhei nas campanhas eu nunca tive orientação de proteção pra minha pessoa, de jeito nenhum. A orientação que eu recebia era que era trabalho, era serviço, e pronto...

...Não tinha nada de assistência, de jeito nenhum. A gente que procurasse algum meio de vida a favor da gente, porque eles mesmos, os guardas não iam ajudar uns aos outros. O guarda-chefe queria saber era do trabalho e, principalmente o inspetor

que andava no carro. Não estavam “nem aí”. A gente que “se virasse”.

...Quando a gente trabalhava em FA, a gente dormia junto com uma ror de caixa de abate, sentindo aquele cheiro podre do abate. Dormia junto com BHC, com K-othrine e com esse abate. [...] Na época eu comecei a sentir tontura. [...] Eu tinha que subir nos prédios pra fazer o tratamento nas caixas d'água lá em cima. Aquilo foi aumentando, aumentando, eu levei muitas quedas de cima de caixa d'água...

...Eu fiz vários exames e deu atrofiamento cerebelar progressivo. [...] Eu já tava com dois anos de licença, devido a este problema... Agora eu me aposentei [...] Se eu me levantar de uma vez eu caio. O pior, é que eu tinha firmeza e agora já não tenho mais. O equilíbrio eu perdi todinho. A coordenação motora está praticamente perdida. Eu só ando se pegar em alguma coisa. [...] O neurologista só fala que foi do veneno. Não foi de outra coisa. [...] Eu tenho dois laudos [...] um, a junta médica pediu pra ver se tinha exame no sangue.

...Tô começando a ficar esquecido! Vou fazer uma coisa quando chego lá dentro – o que é que eu vou fazer? Aí volto. Com um pedaço eu me lembro. [...] Do momento eu esqueço, mas eu me lembro muito do passado...

...Tenho pressão alta. Tem dia que tá alterada que o coração fica o tempo de voar fora. [...] Minha coluna, Ave Maria! [...] parece que nas minhas costas é cheio de espinhos furando. Se eu ficar um pedaço em pé, não aguento com a coluna doendo. Se eu tô sentado, passa um bom tempo, começa a doer também. Eu bati um raio xis e o médico falou que era começo de artrose. [...] E ainda pra completar, eu não posso levantar o braço. Tem aquele negócio que chama burcite...

...Eu acredito que era melhor o cara tá parado do que acontecer o que aconteceu comigo. Era melhor tá com saúde e roubando do que tá desse jeito, aposentado e sem poder. [...] Eu me considero um prisioneiro aqui em casa. Eu não saio pra

canto nenhum. Quando saio, é de mês em mês; nem dirigir, praticamente, eu tô podendo. Aí eu me considero um preso. Não tem aquele preso que tem prisão domiciliar, pois é como eu. Não tenho o prazer de sair pra canto nenhum. Eu não tenho condição de caminhar! [...] E o sofrimento que a gente sofreu aí, como o dizer do outro, “nas quebradas”. Sofremos demais.



Perguntaram em uma reunião por que a gente era privilegiado e andava de carro. A gente pegava carona com os ratos porque [...] os ratos era quem tinha privilégio e nós não. (Beija-flor)

Algumas passagens

*...Uma cobra me picou na passagem de uma cancela. [...] Quando eu chego no Pereiro que falo com os colegas, começou a sair sangue pelos poros. [...] Aí os colegas: “Vamos levar pra Jaguaribe”. Nisso, Erisberto não tinha dinheiro, eu não tinha dinheiro. Nenhum colega da gente tinha um tostão no bolso. Aí Erisberto saiu com o relógio pra vender pra fretar o carro. Quando chegou na loja e tava oferecendo, o dono disse: “Não, rapaz. Tenha calma! Você vai ficar com o seu relógio. Tá aqui o dinheiro e tá aqui o carro pra levar o rapaz”. [...] Quando chegamos em Jaguaribe, meus colegas tinham que voltar. Ninguém ficou comigo não. Eu fiquei sozinho. Só eu e Deus. [...] Quando passa três, quatro, no quinto dia o hospital dá alta. E cadê? Eu não tinha dinheiro nem roupa. E como é que voltava pro Crato? Aí um rapaz que tava comigo no quarto disse: - não, o senhor não se preocupe não, que o dinheiro eu peço a meu pai pra arranjar e o senhor vai pro Crato. [...] E foi assim. Esse rapaz foi quem me deu a passagem do Jaguaribe para o Crato...
(Currupiã)*

...Uma vez colocaram a gente pra trabalhar na vila Pe. Cícero, município de Juazeiro. [...] A gente chegou lá já à tardinha, e não tinha lugar para dormir. [...] A gente foi procurar um lugar, pelo menos para pernoitar e conseguiram pra gente uma espocadeira de arroz. [...] A gente num espaço ao lado, e eles espocando arroz, com aquela poeirinha. E a gente ficou coberto de poeira e foi atrás de outro ponto de apoio. Encontramos uma casa abandonada. A gente mesmo foi limpar com enxada [...] para ver se a gente conseguia, pelo menos, aquela noite dormir. [...] Uma casa desabitada, sem energia. A gente foi comprar velas, limpando e matando cobras, morcegos.

[...] Eu recordo que tinha um colega nosso que dormia despido e não conseguia dormir com roupa nenhuma. Quando se deitou, com meia hora, a gente escutou um grito dele. Uma cobra caiu de cima do telhado dentro da rede dele, e ele gritando. Era uma cobra dessas jiboias, e ele gritando pra gente ir lá, e gritando, e a bicha tava lá em cima dele. E pra gente tirar essa cobra!
(Canário)

...Naquela época a gente era jovem. E você sabe, se fosse hoje, eu fazer o que eu fiz há 15, 20 anos atrás! Eu acho que não aguentaria não. [...] Eu não sei como eu não morri no Icó. O guarda chefe dizia: “Tem que atravessar o rio”. E eu sem saber nadar! Era um saco de veneno de 30 Kg, duas bolsas, uma bata nas costas, um balde, e ainda mais um sacão de 30, 40 Kg de veneno. Pegava um, num canto do saco, outro noutra, e saía com o saco de veneno num andor. E a água bem aqui (no pescoço). E eu sem saber nadar, dizia: Minha Nossa Senhora! Se descesse comigo o que é que eu ia fazer sem saber nadar? Com aquela farda velha pesada, aquele meio mundo de coisa nas costas! [...] Depois eu pensava: mas rapaz, eu fui doido demais. Atravessar um rio!
(Tico-tico)

Capítulo IV

Análise do discurso

Estelita Pereira Lima



Perfil dos agentes

No passado, os agentes sanitários eram conhecidos por guardas. Não havia mulheres exercendo esse tipo de atividade como existe hoje. Há mais de 20 anos que maior parte dos entrevistados trabalhava na atividade de controle vetorial, vivenciaram as campanhas de peste, febre amarela, chagas, esquistossomose, calazar e dengue. Eram admitidos ainda jovens, com menos de 28 anos de idade, exceto um deles que possuía mais de 30 anos; o nível de escolaridade variava entre o ensino fundamental e médio e a maioria deles já era casado.

Atualmente, alguns se encontram aposentados ou afastados do contato direto com inseticida.

Surgiam as vagas, aí a gente entrava. Depois veio concurso, entramos no quadro permanente.[...] Eu entrei em 1979, na campanha de Chagas para combater o barbeiro...(Sabiá)

Naquela época ninguém queria trabalhar nesse trabalho, porque chamava-se de mata rato, era desprezado pelas pessoas. (Azulão)

Praticamente tudo que eu aprendi foi depois que eu parei de trabalhar porque, no momento, eu era praticamente analfabeto. Eu parei de estudar, eu optei mesmo pra ajudar meu pai, sabe? Por incrível que pareça eu tô concluindo o 2º grau agora, com 54 anos de idade. (Pintassilgo)

As características dos agentes; especialmente no período de ingresso na instituição de trabalho, revelavam que se tratava de trabalhadores vulneráveis à aquisição de danos à saúde. Além

de serem jovens, possivelmente despreparados para a vida, possuíam baixa escolaridade, o que limitava a percepção do grau de periculosidade que o trabalho ofereceria.

Controle de endemias

Desde a década de 40, o controle vetorial e de outras espécies consideradas pragas no Brasil é feito, principalmente, por meio de praguicidas. O primeiro deles foi o organoclorado DDT para o controle do *Aedes aegypti*, durante a campanha da Febre Amarela, vindo a ser substituído posteriormente por outros grupos de inseticidas: organofosforados, carbamatos, piretroides, biológicos e benzoilfeniluréias (LIMA et al., 2013).

Segundo os agentes entrevistados, foram usados diversos tipos de formulações químicas para o controle de endemias no Ceará, destacando-se: cianogás, DDT, BHC, bailucid, abate, k-othrine, malation, cipermetrina, carvim e outros pertencentes aos mesmos grupos. Essa estratégia de controle permitiu que os agentes fossem expostos a múltiplas formulações químicas e de forma prolongada. De acordo com os depoimentos, a dosagem empregada, naquela época, era muito superior à utilizada nos anos seguintes. Alguns dos produtos citados foram banidos do mercado devido a sua composição química ser comprovadamente nociva para o homem e ambiente.

O controle do barbeiro naquela época era através de pulverização das casas.[...] Trabalhei com BHC numa faixa de mais de 10 anos e esse BHC foi proibido. [...] Depois eu trabalhei com muitos produtos, o k-othrine, cipermetrina, e outra série de produtos. (Bem-te-vi)

No combate à malária eu trabalhei com o DDT, no combate à peste eu trabalhei com o DDT a 75% e o cianogás. No combate à dengue eu trabalhei com malation, abate, sidion, com

vários produtos. [...] O pior não era nem o DDT a 75% era outro produto que era usado pra se combater o rato na toca, tipo uma bomba de encher pneu de bicicleta, e nesse produto tinha o cianogás, um produto altamente tóxico, que hoje se sabe a gravidade do produto, na época não se sabia. (Pintassilgo)

... Logo quando eu entrei eu trabalhei na campanha de peste, botando isca pra os ratos. Era com mil e oitenta (1.080), e muitas vezes com o inseticida carvim e o cianogás. (Currupião)

Quando eu entrei, eu fui trabalhar com um produto chamado bailucid, que hoje não existe mais, foi proibido. [...] Nós trabalhávamos com este bailucid para matar os caramujos, mas antes de matar os caramujos, matava os peixes, qualquer ser que vivia dentro d'água. (Patativa)

Eu trabalhei muito com o baygon. [...] A gente montando uma lâmina de fezes, que era no laboratório ambulante pra identificar o *Shistosoma*, e quando tinha uma mosquinha a gente borrifava, e continuava naquele mesmo ambiente. (Canário)

As falas demonstram que a exposição ocupacional a diferentes agentes tóxicos, ocorreu sem que os mesmos tomassem conhecimento da toxicidade dos produtos. Apenas com a proibição imposta pelas agências sanitárias, é que os mesmos tomaram conhecimento dos riscos ocupacionais aos quais estavam expostos.

Em trabalho de revisão feito por D'amato, Torres e Malm (2002), embora o uso de DDT e demais organoclorados tivessem sofrido restrição no Brasil a partir de 1971, o emprego deles continuou a ser permitido nas campanhas de saúde pública (malária e leishmaniose) e o uso emergencial na agricultura.

Na década de 90, a pedido da Organização Mundial de Saúde (OMS), consultores revisaram estudos e discutiram sobre a

proibição do DDT, baseados na associação entre uso de DDT e câncer humano, bem como de DDT no leite materno. Eles então concluíram que não havia provas suficientes de seus efeitos à saúde humana, após aplicação em interiores domiciliares, não havendo justificativa de ordem toxicológica ou epidemiológica para modificar a política de controle vetorial, através de aspersão no interior de residências. Mas o documento emitido pela OMS sugeriu que a substituição do inseticida, deixando de considerá-lo como única possibilidade (WHO, 1995 apud BRAGA; VALLE, 2007).

Sem proibição, o DDT continuou a ser usado nos países, de acordo com suas conveniências, expondo não só os trabalhadores, mas também bilhares de pessoas aos efeitos tóxicos do inseticida. Além desses grupos, seus resíduos permanecerão entre nós, acumulados no ambiente.

Uma publicação recente aponta que 14 países ainda utilizam o DDT e que vários outros estão reintroduzindo-o (VAN DEN BERG, 2011). No Brasil sua fabricação, importação, exportação, estocagem, comercialização e uso foram proibidos em 2009 (BRASIL, 2013).

Condições de trabalho e riscos à saúde

No passado, as campanhas eram feitas em forma de jornada, que se prolongavam por mais de um mês na zona rural. O deslocamento no campo era feito a pé, de uma residência a outra, e até entre municípios. Os guardas eram responsáveis pelo transporte do material de trabalho e pela alimentação. Assim, todo o material e pertences eram carregados sobre os ombros.

A gente levava o cianogás, o inseticida DDT até enquanto ele não fosse usado, e as ratoeiras pra capturar os roedores domésticos e os silvestres nas roças, e a bomba [...] nessa época

tinha jornada, chegamos a passar até 40 dias fora. E o inspetor chegava no carro naquela mordomia né, e nós no pezim né! (Pintassilgo)

O transporte era só para aqueles da patente lá em cima! (Patativa)

A gente pegava carona com os ratos, porque tinha o carro que a gente andava com quarenta ratoeiras cada guarda. [...] Os ratos era quem tinha privilégio e nós não! (Beija-flor)

...Você fazia um deslocamento de mais de légua com a bomba nas costas, uma bolsa de veneno, a bolsa de roupa e um balde. Então você chegava com uma légua, estava todo suado... [...] a sua própria roupa enxugava seu próprio corpo com o veneno. [...] A bolsa de inseticida levava umas 10 cargas de inseticida, a bomba pesava mais de 10 Kg [...] acho que tudo era uma faixa de 20 Kg. (Sabiá)

...quando sobrasse resto de inseticida não podia derramar. Tinha que conduzir aquilo nas costas para onde fosse. Carregava, além do peso todo, a bomba. Às vezes meia, de inseticida, tinha que levar para outro sítio... [...] Às vezes chegava assim num canto pra descansar com aquele monte de coisa: bolsa de roupa, bolsa de inseticida, pulverizador, um balde de zinco, chapéu de zinco também na cabeça, capacete de zinco. Aí fazia aquele monte assim, na calçada. Aí o pessoal dizia assim: “Mas rapaz, vocês deviam andar era com um jumento pra carregar essas coisas! Não tem nenhum jumento, né?”. O jumento somos nós mesmos. (Tetéu)

Com tanta sobrecarga e deslocamentos a pé, é de se esperar que o corpo não suportasse tamanho abuso. Dessa forma, além dos riscos de intoxicação, os agentes também eram expostos

a condições ergonômicas que contribuíram para afastamentos, uns temporários, outros permanentes.

...Tive um problema de hérnia de disco. Me operei de hérnia inguinal também. Eu carregava muito peso... (Pitiguari)

...Minha coluna, Ave Maria! [...] parece que nas minhas costas é cheia de espinhos furando. Se eu ficar um pedaço em pé, não aguento com a coluna doendo. Se eu tô sentado, passa um bom tempo, começa a doer também. Eu bati um raio x, e o médico falou que era começo de artrose. [...] E ainda pra completar, eu não posso levantar o braço. Tem aquele negócio que chama bursite. (Asa Branca)

As condições ergonômicas de trabalho, referentes a um tempo passado, ainda permanecem atualmente. Um estudo realizado com pulverizadores revelou que a exposição solar e o tipo de atividade de nebulização implicam em exposição que excede o limite de tolerância preconizado pela legislação e normas técnicas vigentes. Um dos trabalhadores, que operou em regime contínuo sem revezamento com os colegas, aplicando inseticidas durante 42 minutos, com pausa de 12 minutos de descanso em sombra, perdeu 5% de peso corpóreo, o que representa risco grave à saúde (VILELA; MALAGOLI; MORRONE, 2005).

As dificuldades de conseguir água e alimentação eram constantes. Geralmente, as refeições dependiam de doações por parte da população. Diante dessas condições, os agentes não podiam rejeitar qualquer tipo de alimentação oferecida, mesmo aquela considerada pouco saudável, ou preparada em más condições de higiene. Em períodos de seca ou em regiões pobres, era comum dormir sem jantar ou iniciar os trabalhos no dia seguinte, sem café da manhã.

A gente saía aí a granel, como um filho sem mãe, perdido no deserto. Quando encontrasse alguém a gente pedia um prato de almoço, um prato de janta, porque não podia andar com arroz, além do peso que a gente andava. Andava com a bomba nas costas, com um balde, com 14, 15 cargas de BHC dentro da bolsa; andava com uma bolsa de roupa. Aí não podia andar com arroz, feijão, carne... (Asa branca)

Naquela época a gente se alimentava dessa maneira: pedia o almoço na casa daquele cidadão, pedia a janta, você tinha um certo apoio da população. Mas já negaram refeição. Quando isso acontecia a gente dormia sem comer. No outro dia a alimentação era café, somente o café. [...] Faltou água várias vezes. [...] Aqui no município do Araripe, à noite num tinha água pra gente tomar banho, conseguimos um pouco d'água num barreiro pra fazer a comida; nós mesmos fizemos nossa comida, e pra tomar banho ninguém tomou não... (Sabiá)

Lhe juro, perante Deus do céu que muitas vezes eu fui dormir com fome, sem janta. (Asa branca)

...Eu tive aquela doença da cisticercose. Eu peguei porque eu andava muito nos sítios e, nos sítios a gente comia carne de porco de todo jeito. O pessoal matava os porcos clandestinamente. (Pitiguari)

A alimentação era um “Deus nos acuda”. Era “salve-se quem puder”. Geralmente como a nossa equipe era a equipe mais selecionada, trabalhava mais em cidade, nós muitas vezes, fazia uma feira por conta da gente, e contratava uma pessoa pra ficar cozinhando a semana. Era como a gente comia uma comidazinha melhor. [...] E quando não dava certo, a gente ficava em restaurante, mosqueiro mesmo, porque o salário era

pouco nessa época; a gente não ganhava nem um salário mínimo! A gente tinha complementação do salário. (Azulão)

O processo de higienização é de fundamental importância para minimizar os efeitos dos inseticidas no corpo, pois a maioria deles tem absorção dérmica e as roupas impregnadas aumentam o contato destes com a pele. Percebe-se que os servidores não adotavam hábitos de higiene adequados, pois só se banhavam no final do dia, e quase sempre voltavam a usar a mesma farda no dia seguinte.

A Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) recomenda, em seu manual de normas técnicas, que deve ser evitado contato com inseticida e, se isso acontecer acidentalmente, o local deve ser lavado com água e sabão imediatamente, e o uniforme deve ser trocado. Ainda consta que aqueles que trabalham com inseticidas ultrabaixo-volume devem lavar diariamente os seus uniformes (BRASIL, 2001). Mas, segundo os depoentes, o cumprimento dessa norma era inviável, pois não havia fardamento suficiente, já que recebiam apenas duas fardas por ano.

A falta de orientação adicionada à fome levou muitas vezes os agentes a se exporem a situações de riscos como se alimentar de espécies eliminadas pelo bailucid, um produto hoje, de uso proibido, devido aos seus efeitos danosos ao homem e ao ambiente.

...Os peixes que morriam, a gente cansou de comer, de trazer pra casa. O pessoal e os habitantes de perto comiam. [...] O pessoal que orientava a gente dizia que ali só tirava o oxigênio da água. O peixe morria por falta de oxigênio, que não tinha problema. (Canário)

As condições em que os agentes permaneciam nas cidades eram precárias. Algumas vezes eles conseguiam colaboração das prefeituras e montavam os pontos de apoio (PA), que serviam

tanto para o estoque do material quanto de abrigo durante o período da jornada de trabalho. Desta forma, além do contato com os produtos químicos durante a aplicação, os agentes ainda sofriam a exposição aos agentes químicos nas horas de descanso.

...A gente viajava e conseguia um PA e o pessoal guardava o inseticida e tambores de gasolina e outros produtos mais, e a gente dormia juntamente com esses produtos: de lado, embaixo da rede, às vezes servia até de travesseiro como se dizia. (Canário)

A gente dormia e acordava como se tivesse faltando o ar. [...] Era o k-othrine. [...] A gente guardava no próprio lugar onde a gente dormia. Guardava as bolsas com inseticida e tudo ali. A gente passava a noite respirando aquilo. (Tetêu)

...A gente já andava com uma chave micha, que era pra abrir as casas desabitadas e a gente dormir e também trabalhar na casa. Quando a gente trabalhava em FA, a gente dormia junto com uma ror de caixa de abate, sentindo aquele cheiro podre do abate. (Asa branca)

Vários relatos sobre acidentes de trabalho foram feitos. Acidentes com animais, acidentes de trânsito, acidentes com a bomba de inseticidas e intoxicações eram constantes. Mesmo assim, os trabalhadores não possuíam nenhuma assistência, sendo obrigados a continuar trabalhando.

...Onde alguém quisesse arrumar um alpendre de uma casa a gente dormia, ou numa casa desabitada, cheia de rato, de tudo [...] muitas vezes morderam meus pés. (Asa branca)

...Carro da repartição não levava guarda de jeito nenhum. Só era pros guarda-chefe, os inspetores, só esse pessoal. [...] A gente andava de carona. [...] Aí aconteceu um

acidente que um colega de trabalho perdeu a vida, e outros quase morriam também. (Asa branca)

...Outra vez, nós se deslocamos pra cidade de Assaré a pé. [...] Saímos uma hora e chegamos às cinco horas. [...] Aí fomos até Aratama num fusca, o motorista bêbado, ia lá e vinha cá... (Sabiá)

Às vezes a bomba estourava... [...] Aí botava a bomba no chão e ia consertar... [...] Quando isso acontecia a gente lavava o rosto com água, e continuava o trabalho... [...] Eu ficava tonto [...] sentia dor de cabeça [...] insônia. Eu não dormia não! (Sabiá)

...Se tivesse outra roupa na bolsa, trocava, mas se não, trabalhava com as costas queimando igual fogo. O BHC fazia era queimar mesmo de verdade. (Pitiguari)

Eu estava em Barbalha, examinando o barbeiro [...] sem luva, sem máscara e, de repente, eu não sei se vocês sabem, pra gente examinar, pega com a pinça, pressiona e sai fezes, e balança junto com o soro. E do jeito que eu apertei, não sei se eu apertei demais, ele foi direto para a minha boca. Eu corri, me lavei e fui examinar imediatamente, com medo de ele ser positivo, porque se fosse positivo eu tinha pegado a doença. Mas quando eu examinei, felizmente não era positivo. (Canário)

Alguns agentes afirmaram ter recebido treinamento antes de iniciarem as atividades de combate aos vetores através de inseticidas. No entanto, esta afirmação não foi comum a todos, pois segundo os mesmos, o treinamento era simplesmente operacional, restringindo-se ao preparo e à aplicação dos inseticidas. No treinamento também recebiam informações sobre comportamento e conduta a serem adotados, que se espelhavam

nas campanhas de guerra. Nenhum agente relatou ter recebido orientação quanto aos riscos para a saúde.

...Era uma escravidão. Era um regime militar. Você era como um soldado do exército. Tinha que se apresentar. Quando o supervisor chegava você se apresentava - fulano de tal. Ainda hoje me lembro. Você dizia: sou o “Tico-tico”, 31/2. Aí ele dizia: “Muito obrigado. Vá trabalhar!” Olhava se a gente tava de meia preta, de capacete...(Tico-tico)

...A diferença do nosso trabalho pro regime militar era muito pouco. A diferença era que a gente usava inseticida e eles usam bala, fuzil, essas coisas. (Pintassilgo)

Nós tínhamos uma fiscalização muito rigorosa dos inspetores em cima da gente. Então era um serviço perfeito, só que nós se acabava muito rápido! Se estragava demais porque, às vezes, sem se alimentar, sem almoçar, e o deslocamento era muito distante de uma casa para a outra. E a gente sofria bastante pressão do inspetor, e tudo o mais. Então era uma espécie de escravidão. (Sabiá)

Os instrutores não orientavam nada, como usar equipamentos de segurança. [...] Nós mesmos que tinha que ter cuidado em si mesmos [...] tinha treinamento adequado sobre aplicação de inseticida nas paredes, os retoques [...] mas, sobre as orientações dos cuidados não tinha. [...] Muitas vezes a gente estava fazendo uma borrifação, e o vento vinha e banhava a gente todinho. (Sabiá)

Os riscos de manuseio do veneno, e a forma de trabalhar com organofosforado, e as instruções da gravidade que ele provoca no agente de saúde [...] isso aí até hoje é negado pelas instituições. (Cardeal)

Recomendaram que, quando pegasse no inseticida e fosse comer, lavasse as mãos. Só isso mesmo. Não podia comer nada com as mãos sujas de inseticida. O resto ficava aí, a Deus dar. [...] Eu tinha certeza que esse inseticida matava a gente como o gato mata o rato. Só no cansaço. (Tetéu)

Todo mundo sabe que o abate é tóxico. Na embalagem fala que é tóxico, e eles falavam que isso aqui não faz mal. “Se vocês chegarem em uma casa que alguém for falar que não vai deixar botar na caixa d’água porque faz mal, você diga que não faz mal. É tanto que vocês podem colocar uma colherinha nesse copo d’água, mexer e beber, que não faz mal”. E a gente sabendo que na embalagem tem dizendo que é tóxico! Inclusive tem a caveira! (Canário)

Percebeu-se, através das falas e expressões, que a orientação tinha cunho de ordem e não de informação ou cuidado, pressionando os agentes a exercerem seu papel de “soldado” a todo custo, sob condições adversas. Muitas destas, de ordem ambiental como condições climáticas e higiênicas e outras físicas como a fome, a sede, a exaustão, todas elas podiam contribuir para aumentar a absorção dos inseticidas e o risco de intoxicações.

...Com inseticida desalojante, usado pro barbeiro sair... [...] cada um botava uma mangueira dentro, cinco horas da manhã, em jejum, sem comer nada, que não tinha. [...] Puxava com a boca, como quem puxa gasolina. [...] Puxava com a boca! (Beija-flor)

Eu conheci muitos que trabalhavam com Abate, eles têm uma colher de medida pequenininha e uma colher, dessas de sopa. Eles na hora do almoço levavam as quentinhas e lavavam

a mesma colher que eles usavam para colocar o abate nas caixas d'água para fazer a refeição. A mesma! (Canário)

A falta de informação nessa categoria também foi observada por outros autores, ao constatarem que a grande maioria de agentes de endemias possuía nível de escolaridade baixa, não permitindo a realização de leitura ou compreensão das instruções dos rótulos das embalagens (CARVALHO; BERBERT; ROCHA, 1987). Teixeira, Augusto e Morata, (2003) constataram que seu grupo de estudo tinha nível de instrução um pouco mais elevado (72% tinham o secundário completo), porém, quase 95% deles não fizeram nenhum curso profissionalizante relativo à atividade exercida. A falta de capacitação também foi referida por trabalhadores expostos a diflubenzuron (SILVA, 2013).

De acordo como nossos depoentes, a instituição, raramente, fornecia EPI e, quando o fazia era de péssima qualidade, que não oferecia proteção, ou em quantidade insuficiente. Além disso, quando havia o desgaste dos equipamentos não havia reposição.

Houve um movimento aí na saúde do trabalhador pra que você usasse aquele equipamento de segurança, mas aquilo foi uma coisa quase temporária, que ao passo que aquele equipamento ia se desgastando não tinha uma política de reposição. Quando tinha aquelas máscaras que os filtros se desgastavam, geralmente era muito difícil pra você receber, ou trocar a peça de reposição. (Pintassilgo)

Nós nunca tivemos nenhum tipo de proteção, desde o dia que eu entrei até hoje. A proteção adequada para o organofosforado temefós, seria luvas constantes, porque a gente manuseia ele e, querendo ou não, ele acaba entrando nas unhas da gente né! E acaba entrando nos poros também. E uma máscara. [...] O último fardamento que nós recebemos agora, foi

porque nós fizemos uma greve, tivemos que ir à imprensa. [...] Nós fizemos uma paralização, mostramos a nossa roupa rasgada, mostramos os sapatos rasgados. Os rapazes estavam trabalhando de chinela, outros com botas furadas. (Cardeal)

De acordo com os depoimentos, constata-se que não havia política de proteção para os servidores. As condições de trabalho, por si só, já ofereciam riscos. Então eles se valiam de medidas para aliviar o desconforto da exposição aos inseticidas, mas sem nenhum efeito protetor.

Na campanha de Chagas eu trabalhava com um inseticida muito forte, o BHC. Então nessa época não tínhamos proteção nenhuma, não tinha luva, não tinha máscara, nada. Era sem nada... [...] Eu fazia uma máscara por minha conta... [...] um saco que eu fazia uma careta, botava na minha cabeça, mas não adiantava porque queimava demais. [...] A gente tinha uma farda só. Passava uma semana todinha com uma farda só... (Bem-te-vi)

...Às vezes a gente trabalhava sem máscara, sem luva [...] botava só um pano no nariz porque faltava máscara. Ficava não sei quanto tempo sem proteção. Aí tinha que trabalhar. A gente tava precisando do serviço! (Pitiguari)

Só usava uma flanela no nariz para evitar sentir o cheiro muito forte. Naquela época colocava qualquer um pra pesar, dois, três pra pesar. Aí quando juntava aquele monte que dava pro mês, aí encerrava. Pagava a diária para quem pesasse... Cada um pesava dois, três sacos por dia... (Teteu)

A falta de EPI ou uso inadequado deste é um fato que se repete também entre agentes de outras localidades do país. Estudo realizado com trabalhadores do estado de Pernambuco revelou que somente 2,9% usavam proteção auditiva durante a

nebulização (TEIXEIRA; AUGUSTO; MORATA, 2003). Já em São Paulo, servidores foram avaliados quanto ao ruído provocado pelo desinsetizador costal motorizado e os resultados indicaram a necessidade do uso de dois protetores auriculares para minimizar os efeitos à saúde auditiva, bem como melhoria na cobertura dos exames audiométricos (VILELA; MALAGOLI; MORRONE, 2005).

O uso de EPI, por si só, não garante a proteção do trabalhador. A política de adoção dos equipamentos deve garantir que os mesmos sejam selecionados de acordo com a qualidade e não com a economia, que sejam distribuídos e repostos com a regularidade necessária.

Uma avaliação da eficácia de uniformes usados pelos agentes para aplicação aérea de inseticidas indicou que este equipamento só protege o trabalhador em até três usos. Acima disso, ele deixa de ser um equipamento de proteção e passa a ser de contaminação (PAPINI et al., 2011).

Outro estudo comparou a eficácia de dois conjuntos de EPI, um que poderia ser adquirido por meio de compra, e outro cedido pela agência contratante dos agentes. O pesquisador concluiu que apenas o conjunto comprado fornecia segurança sem necessitar de medidas adicionais. Para que o conjunto cedido pela agência alcançasse o mesmo resultado, seria necessário aumentar o controle da exposição em 11,4 %, ou reduzir o tempo de trabalho para 1,4 horas (BOTTI, 2010).

Além das condições de risco de intoxicação aguda ou crônica, devido à falta ou inadequação dos EPIs e da desinformação, nossos atores adotavam medidas alternativas para evitar intoxicações, como o hábito de ingerir leite ou cachaça, costume muito difundido na época e que ainda hoje faz parte da crença popular. A negligência em relação à correção desta conduta pelos competentes em treinamento, também

contribuiu para mais uma morbidade, além da intoxicação por inseticida, o alcoolismo e suas consequências.

A gente bebia. Quando largava o serviço cinco horas da tarde, o primeiro canto que a gente procurava era uma bodega, que era pra tomar uma dose pra cortar o inseticida. (Pitiguari)

...Era a forma de você se livrar do inseticida. Ou leite ou cana. (Tico-tico)

...Eu costumo dizer que o agente era induzido a beber. A turma que trabalhava na campanha de Chagas, 90% deles eram alcoólatras. [...] Era uma campanha de sofrimento. [...] Eu não digo por mim, mas por ver os outros. [...] Acho que quando você tomava, aquela sensação de queimação passava. (Juriti)

Alguns dos meus colegas ficaram viciados. Teve um viciado que depois dele morto, a mosca que chegasse a pousar no corpo dele morria. Têm é muitos que já morreram, da minha época. [...] Juntava a cachaça com inseticida!... (Sabiá)

Eu não sentia quase nada porque eu fumava e bebia muito. ...Talvez a gente bebesse mais porque passava muito tempo fora de casa, e aí juntava a saudade! Quase todos bebiam. [...] Uns ficaram alcoólatras e morreram... [...] Teve um aí que morreu há uns dois anos, três anos no máximo. [...] Ele morreu na ativa. [...] Vários colegas já morreram. Teve um que não está nem com três meses. Foi por causa da bebida. [...] E tem outro que está afastado por causa de bebida. [...] Eu mesmo, quando fui ao médico para me aposentar, ele disse que, ou eu parava de beber, ou eu tinha seis meses. (Bem-te-vi)

Os agentes atribuíram à aquisição do vício à distância familiar, ausência na convivência diária com seus filhos e suas

esposas. Além disso, havia naquela época uma crença que perdura até hoje, bastante disseminada entre aplicadores de praguicidas, sobre o consumo de cachaça para inativar os efeitos indesejados desses produtos.

O fumo também era hábito comum durante as aplicações, o que poderia aumentar a absorção aérea dos inseticidas. Isso foi constatado em um estudo realizado com agentes aplicadores de diflubenzuron contra larvas de *Aedes aegypti*. A exposição a este larvicida provocou uma discreta alteração no nível de metahemoglobina nos trabalhadores, mas entre os fumantes, observou-se um aumento considerável (SILVA, 2013).

Os familiares, especialmente as esposas, foram também expostos aos venenos usados, indiretamente e, sofreram as consequências desta exposição. O contato com os produtos ocorria durante a lavagem das fardas. Muitos agentes relataram a percepção de reações orgânicas em suas esposas ou escutaram reclamações das mesmas.

A minha esposa suportava porque era o jeito. Mas o fardamento quando ela lavava que ia engomar, ficava espirrando direto. (Sabiá)

Ela reclamava quando ia passar o ferro. [...] Lavava a farda no fim de semana. Quando passava o ferro, que subia aquela fumacinha, era veneno puro. Ficava impregnado tanto o corpo da gente como a farda. (Tetéu)

...De uns tempos pra cá, ela apresenta uma alergia, começa a coçar, incha, queima a pele dela, inflama mesmo. Às vezes eu fico pensando que pode ter sido consequência desse veneno. (Patativa)

Ela reclamava, porque o BHC fazia arder, atingia a garganta dela. É tanto, que eu passei a lavar, devido ela não aguentar. (Pitiguari)

A roupa usada na semana, a gente trazia pra casa e mamãe batia. Aliás, isso foi uma cultura que passou da minha mãe pra minha esposa. Minha esposa também lavava a minha roupa e o produto não era impregnado durante a semana? naturalmente na hora que estava lavando liberava o odor, né! [...] Espirrava! (Pintassilgo)

A participação da mulher na cadeia de exposição aos inseticidas não tem sido considerada com o mesmo padrão de risco dos homens. Neste estudo, sua colaboração se dava na higiene das roupas dos esposos ou filhos, mas há outras situações importantes de serem lembradas. Na agricultura, muitas mulheres se expõem diretamente aos agrotóxicos durante as borrifações, auxiliando o agricultor ao segurar a mangueira do pulverizador, completamente desprotegidas (ARAÚJO et al., 2007).

Alterações na saúde associadas à exposição aos agentes químicos

Os agentes sanitaristas relataram diversos problemas de saúde, que corroboraram com os resultados de pesquisas publicadas sobre os riscos da exposição a inseticidas. Foram citados sinais de intoxicação aguda como tonturas, vômitos, desmaios, cefaleia, espirros e morbidades crônicas.

...O mil e oitenta (1.080), se você tivesse aplicando e o vento soprasse, o seu lábio rachava. [...] A boca ficava seca. [...]

Já o abate, quando eu abria o saco, eu sentia uma secura na garganta. [...] Faz mal do mesmo jeito. [...] Eu não me dava com o abate de jeito nenhum. Sentia dor de cabeça, os lábios ficavam secos. (Currupião)

...Queimava a pele, o rosto. De noite, tinha dia que o cabra não dormia, com os olhos queimando. [...] Esse k-othrine era muito perigoso, é muito forte, e nós usamos uma dosagem dele muito alta. [...] Muitas vezes eu provocava de tanto tossir. [...] Eu sentia como se tivesse uma formiga em minha garganta. (Tico-tico)

...Além de ter um cheiro muito forte, era muito quente. Ardia demais, batia na pele da gente e era mesmo que pimenta. Quando a gente tomava banho de tarde, ficava com o corpo comichando, como se tivesse passado pimenta malagueta no corpo. Aquele fogo só ia passar depois de uma ou duas horas depois do banho, porque quando molhava é que pegava fogo mesmo... (Tetêu)

Entre os sinais de intoxicação crônica, os mais referidos foram os relacionados ao sistema nervoso.

O trabalho acabou com minha saúde. Hoje eu tenho doença do pânico, depressão, ansiedade, artrite psoriática, psoríase. [...] Tá com uns quatro anos que me aposentei. [...] Eu achava que não adoecia, que eu era forte, que podia “levar por cima de pau e pedra”, que eu não adoecia, mas tinha noite que eu via cobra descendo pela corda na parede. [...] Via burro correndo atrás de mim, de noite. Era o inseticida penetrando no sistema nervoso. Aí tive uma depressão muito forte, ainda hoje dependo de medicamento... (Beija-flor)

Eu só vivia nervoso. Era o inseticida que era demais [...] eu acho que é porque atingia demais os nervos. [...] Uma junta médica me afastou do trabalho porque estava afetando muito a mente. [...] Quando eu trabalhava com inseticida eu sentia muita insônia. [...] A partir do momento que seus nervos são atingidos pelo veneno, você não dorme mais não. (Sabiá)

Meu comportamento na época que usava os produtos era violento. Nesse tempo que eu trabalhei eu tive umas 15 suspensões por causa de briga com os colegas. [...] Eu já sou aposentado porque eu tive contato com inseticida. [...] Segundo minha aposentadoria é por atrofia cerebral, amnésia, e eu acho que é por causa do inseticida. (Bem-te-vi)

Eu me tornei mais agitado. O pessoal de minha casa notou isso. (Pitiguari)

Eu tenho atrofia cerebelar. O neurologista fala que foi do veneno. (Asa branca)

Barth e Biazon (2010) referem que os inseticidas organofosforados podem provocar alterações de personalidade e de desordens psiquiátricas. Diminuição dos reflexos, concentração diminuída, déficit cognitivo mental, perda de memória, depressão, dificuldades de fala, ansiedade, irritabilidade e polineuropatia periférica.

Behan et al. (1996) observaram que a exposição crônica a organofosforados, mesmo a baixas concentrações, desencadeava uma síndrome psicológica semelhante à síndrome da fadiga crônica. Salvi et al. (2003) constataram em avaliações clínicas, neuropsiquiátricas e laboratoriais de fumicultores, que a exposição crônica a baixos níveis do inseticida pode produzir sintomas neuropsiquiátricos.

Bhatt, Elias e Mankodi (1991) descreveram cinco casos de pacientes que desenvolveram parkinsonismo agudo e reversível após exposição a organofosforados e relataram que esta complicação rara ocorre eventualmente em indivíduos geneticamente susceptíveis a tal patologia. Caso semelhante também foi observado por Muller-Vahl et al. (1999).

Falk et al.(1996) investigando suicídio, doença mental e uso de agrotóxicos constatou que havia um excesso de risco atribuível à manipulação de pesticidas, especialmente a organofosforados.

A exposição lactacional ao malation causou um alto efeito inibitório na atividade da acetilcolinesterase no cérebro da prole de camundongos, mesmo quando as mães foram expostas à menor dose do inseticida (20 mg/kg). A atividade da enzima também foi inibida nas mães, porém somente na dose mais elevada -200 mg/kg (SILVA et al., 2006).

Nossos atores também se queixaram de alterações auditivas, agravo apontado em nove estudos revisados por Körbes et al. (2010), sendo que a perda auditiva foi referida em oito deles.

...Com isso me deu problema auditivo. [...] Até hoje não consigo escutar nada nítido, é um zumbido direto. [...] Foi por causa daquelas bombas que a gente trabalhou lá, tipo uma compressão. [...] Aquela zoada... (Juriti)

Os agentes também associam o comprometimento de vários órgãos à exposição aos inseticidas, tais como a pele, o sistema sanguíneo, circulatório e locomotor.

Tenho problema de pele muito sério. (Beija-flor)

Eu peguei câncer de pele , [...] um pouco de escoliose, [...] tendinite. (Juriti)

Agora por último, eu fiz um exame e deu diminuição no fêmur e osteoporose... (Sabiá)

Hoje eu sou um homem hipertenso. Tomo dois comprimidos por dia, há mais de 20 anos, em consequência desse trabalho. E tem outras coisas que outras pessoas que trabalhavam adquiriram pior. [...] Doenças renais, outros pegaram até problemas circulatórios, mas tudo, se ligar bem, foi em consequência desse contato com o inseticida. A minha herança do serviço público é essa. Mas infelizmente tinha outros colegas que não tiveram a mesma sorte, alguns chegaram até a contrair o câncer. (Pintassilgo)

Eu tinha 31 anos de idade quando entrei, e com 35 anos já passei a ser hipertenso. (Cardeal)

O que me levou à aposentadoria é porque eu sou hipertenso e tive um problema na perna, essa parte aqui do tornozelo, o osso gasto. Foi o acúmulo de inseticida. (Azulão)

Eu tive um problema de púrpura. Eu comecei a ficar com umas manchas roxas pelo corpo e muito doloridas, quase pretas; eu fui para o médico e ele me encaminhou para fazer uns exames, ver como é que estavam as plaquetas.[...] Então eu fiz mielograma várias vezes [...]Era só a púrpura. [...] Com o medicamento não teve cura, não deu jeito, as plaquetas eram sempre baixas. Eu toda semana fazia o exame para ver como estavam as plaquetas, e sempre baixas. Não deu certo não, eu tive que tirar o baço...(Canário)

Eu fui uma pessoa que passei por uma série de problemas. [...] Eu sinto hoje dor de cabeça, tenho problema de garganta. Só quando eu tô em contato com o inseticida. (Pitiguari)

Muitos estudos com trabalhadores semelhantemente expostos a inseticidas, como agricultores e desinsetizadores apontam os mesmos agravos. Outros realizados com animais em laboratório comprovam muitos destes danos, e ainda alertam para os riscos de outros, não citados pelos nossos atores.

Em ratos, a exposição aguda ao organofosforado malation, provocou dano oxidativo no rim, pulmão e diafragma. Na exposição crônica observou-se dano no fígado e quadríceps (POSSAMAI, 2005).

Segundo os estudos revisados por Lara, Duarte e Reis (2011), os organofosforados também podem comprometer o sistema reprodutivo e sexual. Em homens, observou-se um índice maior de aneuploidia/poliploidia nos espermatozoides, o que pode estar associado ao aumento na incidência de síndromes genéticas. Alguns compostos podem apresentar efeito estrogênico levando à ginecomastia e rarefação dos pelos da barba. Já em ratos os organofosforados e carbamatos alteram a composição do sêmen e a espermatogênese, além de diminuir o número de copulações desses animais.

Quanto aos piretroides, nas revisões de Santos, Areas e Reys (2007) sobre a ação desses inseticidas em vertebrados em condições laboratoriais, foram observadas implicações neurológicas e cardiovasculares. Em camundongos e ratos, efeitos genotóxicos, como aberrações cromossômicas e micronúcleos em células de medula óssea. Comprometeu o sistema reprodutivo, provocando incidência de mortes embrionárias precoces e má formação congênita. A deltametrina, um piretroide altamente tóxico, causou nos fetos retardamento no crescimento, insuficiência no desenvolvimento dos pulmões, dilatação da pelve renal, além de aumento no peso da placenta. O fígado e os rins, principais órgãos de biotransformação e excreção de substâncias tóxicas, são os alvos mais afetados por esses inseticidas.

As doenças relatadas são de diversos grupos na sua relação com o trabalho. Variam de doenças, nas quais o trabalho é causa necessária (doença profissional) àquelas cujo trabalho aumenta a frequência ou desencadeia um processo latente (BRASIL, 2001).

A exposição prolongada a diversos inseticidas atinge o sistema nervoso do ser humano, especialmente aqueles inibidores das colinesterases, como os organofosforados e carbamatos. Estas enzimas são responsáveis pela hidrólise da acetilcolina, um mediador químico da transmissão do impulso nervoso que, em excesso, prejudica seriamente o sistema nervoso.

As colinesterases são marcadores biológicos da exposição a organofosforados e carbamatos, pois estando com atividade reduzida, indicam alterações geradas por diversas doenças, entre elas hepáticas, desnutrição, infecções agudas, infarto do miocárdio e alcoolismo, ou por agentes como os pesticidas citados. Assim, é considerada obrigatória a dosagem periódica da colinesterase nos manipuladores de inseticida, devendo ser realizada, no mínimo, a cada seis meses. Porém, a FUNASA definiu que a periodicidade dos exames deveria ser quinzenal e, dependendo do resultado, o trabalhador deveria ser afastado temporariamente ou definitivamente de atividades com inseticidas (BRASIL, 2001), o que parece não ter ocorrido em tempo hábil.

O monitoramento da acetilcolinesterase como único indicador de saúde dos agentes expostos a organofosforados deve ser questionado. Um estudo evidenciou que a exposição crônica a baixos níveis desses inseticidas pode produzir sintomas neuropsiquiátricos, mesmo em níveis normais de atividade da enzima (SALVI et al., 2003).

A gente fazia o exame de colinesterase. De 6 em 6 meses. Aí depois deu uma taxa muito alta de pessoas acometidas. Vinha dando baixa a taxa e foi fazendo de 3 em 3 meses. (Juriti)

Além das colinesterases, alguns organofosforados podem alterar as esterases, sendo a principal delas a neurotoxicoesterase. Esta enzima, quando inibida, pode determinar no homem neuropatia periférica nos membros inferiores por ação neurotóxica retardada, que surge geralmente após 15 dias da intoxicação aguda inicial (CCIn, 2000). O grupo de agentes entrevistados citou alguns organofosforados usados por eles durante as campanhas tais como, malation e abate.

Os inseticidas ainda são apontados como associados a distúrbios oftalmológicos, endocrinopatias e distúrbios do aparelho reprodutivo (TRAPÉ, 1995 apud SILVEIRA; CASTRO; PEREZ, 2004). Em um estudo com agentes sanitaristas foi observada perda auditiva (TEIXEIRA; AUGUSTO; MORATA, 2003).

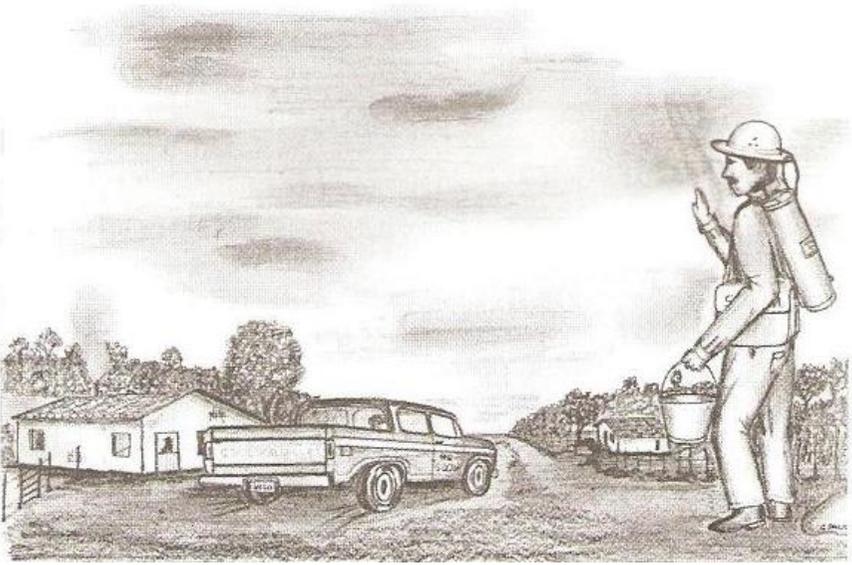
O malation foi amplamente usado nas campanhas antivetoriais, mas é reconhecidamente tóxico para seres humanos, mas carcinogênico para animais. Essa situação caracteriza uma condição de risco de exposição múltipla dos agentes sanitaristas que atuam nesses programas e campanhas, aplicando esses produtos no ambiente e nos domicílios (TEIXEIRA et al., 2003).

Os piretroides agem nos receptores dos canais de sódio das membranas das células nervosas, despolarizando-a e promovendo a hiperexcitabilidade nervosa (CCIn, 2000). Outros agravos podem estar associados ao uso destes inseticidas, como a perda auditiva, observada em trabalhadores de Pernambuco (TEIXEIRA; AUGUSTO; MORATA, 2003). Alguns piretroides usados pelos agentes foram o k-otrhine e a cipermetrina.

O DDT e o BHC citados pelos agentes pertencem ao grupo dos organoclorados. “Como são os mais persistentes dentre os praguicidas, representam maior perigo à saúde humana, decorrente de sua significância como poluentes ambientais” (NUNES; TAJARA, 1998 p. 374).

Estes inseticidas também podem provocar alterações no sistema nervoso central. Quanto ao DDT, estudos revelaram efeito cancerígeno em animais de laboratório (OPAS, 1996). No caso do BHC, inicialmente os aplicadores podem sofrer convulsões isoladas e, em alguns casos, convulsões ocasionais acompanhadas de cefaleia, náuseas, vômitos, vertigens e distúrbios clônico-musculares (NUNES; TAJARA, 1998). Alguns destes sintomas foram relatados pelos agentes entrevistados neste estudo.

É importante salientar que o grupo de agentes entrevistados neste estudo poderá ser portador de outras patologias não citadas, pois o conhecimento da relação entre o uso de inseticidas e alterações na saúde ainda é pouco conhecido. Sendo assim, há possibilidade de muitas doenças terem sido ocultadas, por eles não as considerarem como consequência de sua atividade laboral.



Capítulo V

O olhar de um observador: Sentimentos e expressões demonstrados durante as entrevistas

Suziy de Matos Bandeira

Mãos trêmulas, dedos amarelados, rostos envelhecidos, pele pálida e sulcada, marcas do tempo aceleradas pelo sofrimento. Homens que dedicaram grande parte de suas vidas a um trabalho árduo, que tinha como principal objetivo diminuir a incidência de doenças transmitidas por vetores. Enquanto isso, sua própria saúde se deteriorava e seus sonhos de mocidade davam lugar a uma triste realidade. Pais que sofriam por não acompanhar o crescimento de seus filhos, maridos que passavam inúmeras noites longe de suas esposas. Dias, meses, anos de exposição aos inseticidas, porém de dedicação e amor ao trabalho. Com a maturidade, o conhecimento sobre as consequências do veneno que utilizavam diariamente, que além da dor psíquica, agora a dor física, sofrendo de males que antes não sofriam. Problemas normais do envelhecimento ou sequelas da exposição prolongada ao veneno? Como saber? A maioria deles afirma ser consequência da exposição.

Há ainda a dor moral, para alguns, por não ter sabido antes dos riscos a que estavam expostos e ter podido escolher. E hoje, a dor de ter uma doença que lhe tira os movimentos do corpo progressivamente, como a ataxia cerebelar progressiva.

Nos olhos de cada homem, a fortaleza, espírito forte e de luta, o brilho intenso, homens guerreiros, e em todos eles o

sentimento de que foram humilhados e de que poderiam ter recebido tratamento humano, digno.

Em vez de dormir em casa com sua família, após um dia de trabalho, dividiam suas noites com bolsas de veneno, que muitas vezes lhes serviam de travesseiro. No lugar de jantar com seus filhos e poder lhes contar como foi seu trabalho e de ouvir deles como foi o seu dia na escola, a incerteza se teriam ou não o que comer ou onde dormir. Dependiam da disponibilidade dos moradores para fazer suas refeições, na maioria das vezes, com alimentos transportados junto com o veneno.

Ao final de cada dia de trabalho no campo, a necessidade do descanso, do banho, da roupa limpa, mas isso tudo ficava só no desejo. Ao tentar dormir, o veneno impregnado em suas peles os impedia de relaxar e queimava seus rostos. Alguns sentiam náuseas, dores de cabeça, insônia, mas ninguém relacionava tais sinais e sintomas ao início da manifestação da exposição aos venenos que usavam diariamente. Alguns homens, que se achavam relativamente calmos, com o tempo, passaram a ficar mais irritados, impacientes, mas eles achavam que era coisa normal.

Alguns, na tentativa de cortar os efeitos do veneno ou de fugir da saudade de casa, ingeriam bebida alcoólica, assim, além da exposição ao veneno, entravam no caminho do alcoolismo, agravando ainda mais sua situação.

O trabalho não deveria dignificar o homem? Não deveria ser, além de provedor do sustento, uma fonte de prazer e bem estar para quem o exerce? E para esses homens foi assim? Qual o significado do trabalho que exerceram durante toda a sua vida? Para alguns, fonte de desprazer, para muitos, fonte de humilhação, para outros, fonte de doenças que ficaram como herança de anos de dedicação. Além disso, grande parte daqueles que desenvolveram problemas de saúde após anos de exposição, existe a angústia de não conseguir ter certeza de que seu diagnóstico é consequência da exposição ocupacional. Como

determinar causa e efeito, já que foram expostos a tantas substâncias diferentes e por tanto tempo?

O tempo passou inexorável como sempre, e para alguns restou o desejo de que esse mesmo tempo voltasse e pudessem trilhar outro caminho, mesmo que fosse difícil, porém, que fosse um caminho onde a autonomia de cada um tivesse sido respeitada, que houvesse a chance de conhecer os riscos do trabalho que iriam exercer e que, tendo escolhido, tivessem sido tratados com a dignidade que todo ser humano merece.



Considerações Finais

Estelita Pereira Lima

Não se teve a intenção de apontar os inseticidas como agentes responsáveis pelos agravos relatados, mas os depoimentos dos servidores revelaram condições de trabalho geradoras de risco à saúde dos mesmos, desde quadros de intoxicações agudas a crônicas, além de outros problemas, como alcoolismo. Essas condições não se referem somente à exposição ocupacional, mas a todo o contexto de trabalho em que estavam inseridos. Muitas patologias referidas podem ter sido geradas por um conjunto de fatores, desde a exposição aos inseticidas sem os devidos EPIs, às condições de trabalho que contribuíram para fragilizar a saúde dos mesmos, tais como as condições nutricionais, a falta de assistência à saúde, o esforço físico continuado e o consumo de drogas lícitas (álcool e fumo), que podem ter facilitado a absorção dos inseticidas.

Durante os relatos, foram expressos sentimentos de revolta e sofrimento, principalmente, em relação à falta de orientação que não receberam no passado, ao distanciamento da família e à perda da saúde, mas, ao mesmo tempo, todos tinham orgulho de ter cumprido seu dever com a saúde pública.

Constatou-se que os profissionais foram desrespeitados como seres humanos e os direitos trabalhistas foram descumpridos, evidenciando-se o descaso por parte dos seus superiores e instituição contratante. Enquanto promoviam a saúde pública, a deles era esquecida. A pressão psicológica causada e a cobrança pela produção de trabalho deixaram os atores desta história em condições de sofrimento psíquico; também eram tratados, em muitos momentos, mecanicamente e não como pessoas prestadoras de serviço à comunidade.

Atualmente, as condições de trabalho no controle de endemias têm sofrido mudanças. As políticas de saúde dos trabalhadores são mais atuantes, mas, por outro lado, existe a política de terceirização dos atuais agentes sanitários contratados, criando um novo grupo de risco, porque trabalham sem nenhum tipo de seguro de insalubridade e/ou capacitação prévia quanto ao trabalho e a exposição ocupacional. A escassez de EPI ainda continua, e o uso intensivo de inseticidas também. Portanto, é preciso que sejam criadas novas estratégias de controle vetorial, que não ponham em risco a saúde dos trabalhadores, o ambiente e a vida.

Referências

ARAÚJO, A. J. *et al.* Exposição múltipla a agrotóxicos e efeitos à saúde: estudo transversal em amostra de 102 trabalhadores rurais, Nova Friburgo, RJ. **Cien Saude Colet.**, v. 1, p. 115-130, 2007.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

BARTH, V. G.; BIAZON, A. C. B. Complicações decorrentes da intoxicação por organofosforados. **SaBios: Rev. Saúde e Biol.**, v.5, n.2, p.27-33, 2010.

BEHAN, P. D. Chronic Fatigue Syndrome as a Delayed reaction to Low Dose Organophosphate Exposure. **J Nutrition Environ Med.**, v.6, p.341-50, 1996.

BHATT, M. H.; ELIAS, M. A.; MANKODI, A. K. Acute and reversible parkinsonism due to organophosphate pesticide intoxication: five cases. **Neurology.**, v. 52, p. 1467-1471, 1991.

BOTTI, M. V. **Controle de *Aedes aegypti***: período residual de temefós na água em recipientes de plástico, vidro e borracha, ação larvicida residual em recipientes de borracha e segurança das condições de trabalho na nebulização de malathion. 2010. 81 f. Tese (Doutorado em Agronomia), Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2010.

BRAGA I. A.; VALLE, D. *Aedes aegypti*: inseticidas, mecanismos de ação e resistência. **Epidemiol. Serv. Saúde.**, v.16, n.4, p.279-293,2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Dengue instruções para pessoal de combate ao vetor: manual de normas técnicas**. 3^a ed. rev. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Assédio: violência e sofrimento no ambiente de trabalho**. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.

BRASIL. **LEI 11.936/2009** - LEI ORDINÁRIA 14/05/2009. Disponível em: <<http://legislacao.planalto.gov.br>>. Acesso em: 29 out. 2013.

CCIn. Centro de Controle de Intoxicações de Niterói. **Intoxicações exógenas agudas por carbamatos, organofosforados, compostos bupiridílicos e piretroides**. Disponível em: <<http://www.uff.br/ccin.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2005.

CARVALHO, W. A.; BERBERT, P. R.; ROCHA, N. V. P. Serum levels of organochlorine insecticides in health workers exposed to DDT in public health campaigns at the State of Bahia, Brazil. *In: INTERNATIONAL ENVIRONMENTAL CHEMISTRY CONGRESS IN BRAZIL, 2^{nd.}, 1987, Salvador. Anais...Salvador, 1987.*

CASTRO, J. S. M.; CONFALONIERI, U. Uso de Agrotóxicos no Município de Cachoeiras de Macacu (RJ). **Cien Saude Colet.**, v. 2, p. 473-482, 2005.

CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. *In: Minayo M. S. C. (Org). Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 51-66.

D'AMATO, C.; TORRES, J. P. M.; MALM, O. DDT (Diclorodifeniltricloroetano): toxicidade e contaminação

ambiental – uma revisão. **Quím. Nova.** v., 25, p.995-1002, 2002.

DELORY-MOMBERGER, C. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educ. Pesqui.**, v. 32, p. 359-371, 2006.

DORES, E. F. G. C.; CARBO, L.; ABREU, A. B. G. Serum DDT in malaria vector control sprays in Mato Grosso State, Brazil. **Cad Saude Publica.** v. 19, p. 429-437, 2003.

FALK, J. W. *et al.* Suicídio e doença mental em Venâncio Aires: consequências do uso de agrotóxicos organofosforados? **Relatório de pesquisa...**Porto Alegre: UFRJGS, 1996. Disponível em: <<http://www.galileu.globo.com/edic/133/agro2.doc>>. Acesso em: 8 ago. 2006.

FONTANELLA, B. J. B.; CAMPOS, C. J. G.; TURATO, E. R. Coleta de dados na pesquisa clínico-qualitativa: uso de entrevistas não dirigidas de questões abertas por profissionais de saúde. **Rev Latino-am Enfermagem.** v. 14, p. 812-820, 2006.

FRANCO, O. **A história da febre amarela no Brasil.** Rio de Janeiro: Ministério da Saúde, 1976.

FRANKLIN, H. M. O. H.; PEIXOTO, T. M. A. G. Níveis sanguíneos de HCH em guardas da Sucam sob alto contato com o produto. In: ENCONTRO NACIONAL DE ANALISTAS DE RESÍDUOS DE PESTICIDAS, X., 1986, São Paulo. **Anais...**São Paulo: Instituto Adolfo Lutz, 1986.

GUIDA, H. F. S. *et al.* As Relações entre Saúde e Trabalho dos Agentes de Combate às Endemias da Funasa: a perspectiva dos trabalhadores. **Saúde Soc.**, v.21, n.4, p.858-870, 2012.

HOSHINO, A. C. H. *et al.* A auto-percepção da saúde auditiva e vestibular de trabalhadores expostos a organofosforados. **Rev. CEFAC.**, v.11, n.4, p. 681-687, 2009.

KÖRBES, D. *et al.* Ototoxicidade por organofosforados: descrição dos aspectos ultraestruturais do sistema vestibulococlear de cobaias. **Braz J Otorhinolaryngol.**, v. 76, n. 2, p. 238-44, 2010.

LARA, L. A. S.; DUARTE, A. A. F.; REIS, R. M. Impacto dos disruptores endócrinos na função reprodutiva e sexual de homens e mulheres. **Rev Bras Ginecol Obstet.**, v. 33, n. 12, p. 377-80, 2011.

LEME, T. S. *et al.* Condições urbanas e exposição dos trabalhadores sob aplicação de malationa. **Hygeia.** v.8, n. 15, p. 23 - 32, 2012.

LIMA, E. P. *et al.* Sequelas associadas à exposição a inseticidas em agentes sanitaristas do Cariri. *In: OUTUBRO MÉDICO, XX.*, 2005, Juazeiro do Norte. **Anais...** Juazeiro do Norte, 2005.

LIMA, E. P. *et al.* Exposição a pesticidas e repercussão na saúde de agentes sanitaristas no Estado do Ceará, Brasil. **Cien Saude Colet.**, v. 14, n. 6, p. 2221-2230, 2009 .

LIMA, E. P. *et al.* Série histórica da dengue e *Aedes aegypti* no Ceará, de 1986 a 2011. *Rev. bras. promoç. saúde.* (No prelo).

MINELLI, E. V.; RIBEIRO, M. L. DDT and HCH residues in the blood serum of malaria control sprayers. **Bulletin of Environmental contamination and toxicology.**, v. 57, p. 691-696, 1996.

MORAES, H. F. **SUCAM sua Origem, sua História.** Ministério da Saúde, SUCAM. Brasília: Ministério da Saúde, 1990.

MULLER-VAHL, K. R.; DENGLER, R. Transient severe parkinsonism after acute organophosphate poisoning. **J Neurol Neurosurg Psychiatry.**, v. 66, n. 2, p. 253, 1999.

NUNES, M. V.; TAJARA, E. H. Efeitos tardios dos praguicidas organoclorados no homem. **Rev. Saúde Públ.**, v. 32, n. 4, p. 372-383, 1998.

OLIVEIRA, M. L. F, BURIOLA, A. A. Gravidade das intoxicações por inseticidas inibidores das colinesterases no noroeste do estado do Paraná, Brasil. **Rev Gaúcha Enferm.**, v. 30, n. 4, p. 648-55, 2009.

OLIVEIRA FILHO, A. M. A resistência dos insetos aos inseticidas e o controle dos vetores da malária. *In:* Mariconi. **Insetos e outros invasores de residências.** São Paulo: FEALQ, 1999. 460 p.

OPAS. ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Dengue y dengue hemorrágico en las Américas:** OPAS, 1996.

PAPINI, S. *et al.* Avaliação da capacidade de retenção de malationa pelos uniformes de algodão teflonado, em condições laboratoriais. **Hygeia.**, v. 7, n. 13, p. 10-17, 2011.

POSSAMAI, F. P. **Estudo do estresse oxidativo em órgãos de ratos wistar adultos induzidos à intoxicação por malation.** 2005. 70 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais), Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2005.

SALVI, R. M. *et al.* Neuropsychiatric Evaluation in Subjects Chronically Exposed to Organophosphate Pesticides. **Toxicol Sci.**, v.72, n. 2, p. 267-71, 2003.

SANTOS, M. A. T.; AREAS, M. A.; REYES, F. G. R. Piretroides – uma visão geral. **Alim. Nutr.**, v.18, n.3, p. 339-349, 2007.

SILVA, A. P. *et al.* Lactational exposure tho malathion inhibits brain acethylcholinesterase mice. **Neuro Toxicology**, v. 27, p. 1101-1105, 2006.

SILVA, C. B. **Avaliação da exposição ao diflubenzuron em guardas de endemias da região metropolitana do estado do Rio de Janeiro.** 2013. 113 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública), Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2013.

SILVEIRA, M. A.; CASTRO, V. L.; PEREZ, M. A. Aplicação de indicadores clínicos de exposição na avaliação da saúde da agricultura familiar: o caso de Sumaré, Brasil. **RAMA.** Disponível em: <<http://www.agricoma.com.br/revista.htm>>. Acesso em: 15 jun. 2006.

SOBREIRA, A. E. G.; ADISSI, P. J. Agrotóxicos: falsas premissas e debates. **Cien Saude Colet.**,v. 8, p. 985-990, 2003.

TEIXEIRA, C. F.; AUGUSTO, L. G. S.; MORATA,C. T. Saúde auditiva de trabalhadores expostos a ruído e inseticidas. **Rev. Saúde Públ.**, v. 37, n. 4, p. 417-23, 2003.

TURATO, E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetivos de pesquisa. **Rev. Saúde Públ.**, v. 39, p. 507-514, 2005.

VAN DEN BERG, HENK. Global status of DDT and its alternatives for use in vector control to prevent disease. **Cien Saude Colet.**, v.16, n.2, p.575-590, 2011.

VILELA, R. A. G.; MALAGOLI, M. E.; MORRONE, L. C. Trabalhadores da saúde sob risco: o uso de pulverizadores no controle de vetores. **Rev Produção.**, v. 15, p. 263-272, 2005.

As autoras:



Estelita Pereira Lima é Bióloga, Mestre em Saúde Pública, Doutora em Biotecnologia, Pós-Doutora em Ciências da Saúde e professora da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Cariri.



Maria Iracema Mariano Amorim é graduada em Letras e em Psicologia, e especialista em Saúde Pública e servidora do Ministério da Saúde – CE.



Suziy de Matos Bandeira é Bacharel em Ciências Biológicas, Doutora em Biotecnologia, Master e Trainer's Training em Programação Neurolinguística Sistêmica, Membro fundador da Liga Acadêmica de Saúde e Espiritualidade (LIASE) da Universidade Federal do Cariri e Professora da Faculdade Leão Sampaio.

A investigação sempre fez parte da vida das pesquisadoras. A curiosidade marcou a formação profissional dessas intrépidas mulheres, mães e estudiosas do campo biológico e social. Mas a obra em tela, ganha um novo aspecto na produção intelectual desse trio de corajosas pesquisadoras, pois ao longo dessa pesquisa, que se tornou livro, discute-se com maestria a problemática do controle de endemias no Brasil, através de um recorte temporal da história de vida dos agentes, que atuaram no estado do Ceará e, especificamente, na região do Cariri.

Esta publicação conta a história de vida, trabalho, adoecimento e morte daqueles que “protegeram” a população sobre a tutela do estado das endemias rurais e urbanas nos municípios do Cariri cearense. Trata-se de uma obra que desvela as nuances e problemas de saúde, bem como o descaso do estado brasileiro, frente a quem atuou na proteção da saúde da população. Essa leitura é esclarecedora do ponto de vista técnico e histórico sobre o controle de endemias, mas ainda do ponto de vista humano. A coragem das autoras em desvendar tais fatos é digna de honra e mérito, não apenas acadêmico, mas pessoal.

Boa leitura!

Evanira Rodrigues Maia

Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação - UFCA

Av. Tenente Raimundo Rocha, s/nº

CEP 63040-360

Juazeiro do Norte - CE

Tel.: (88) 3572.7200

www.prpi.ufca.edu.br

prpi@ufca.edu.br

ISBN 012345678-9



0123456789012